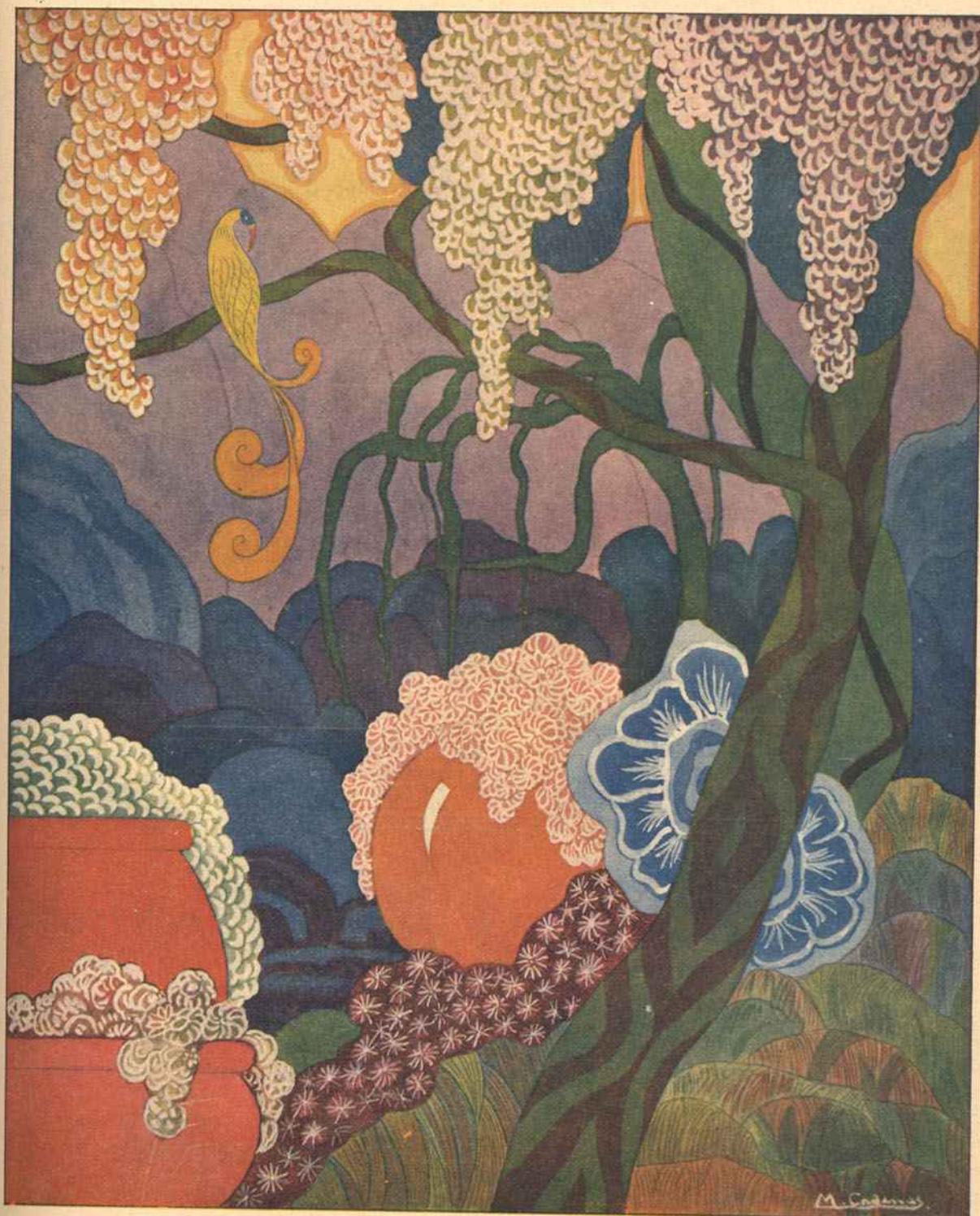


ILUSTRAÇÃO



5.º ANO
NÚMERO 103

Lisboa, 1 de Abril de 1930

PREÇO

A REVISTA PORTUGUESA DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

4\$00



V
E
R
A
M
O
N

60334604



Tubos de
10 e 20 compr.

O seu melhor amigo

é o Veramon porque faz desaparecer as doenças próprias do sexo feminino, acalmando a dôr e restabelecendo o bemestar geral e o bom humor. — Se o mal se agravar, não deixe V. Ex^a de consultar, a tempo, o médico; mas, de momento, evite o sofrimento empregando o Veramon, que é inocuo e eficaz.

RADIO TELEFUNKEN

Não adquirir aparelhos
para T. S. F. sem ouvir
os receptores Telefunken
de grande selectividade
e potencia



Aparelhos Telefunken
Alta-Vozes Telefunken
Lampadas Telefunken

AEG

SOCIEDADE LUSITANA DE ELECTRICIDADE A. E. G.

LISBOA — RUA DOS FANQUEIROS, 12-16

PORTO — RUA SÁ DA BANDEIRA, 209-215



O pó de arroz
ETOILE NOIRE
de
GELLÉ FRÈRES
PARIS

dá á pele uma beleza e uma
frescura incomparaveis.

De finíssima qualidade, quasi imperceptivel, não
mascara e deixa na pele o seu perfume unico,
persistente e cativante.

Experimentá-lo é preferi-lo para sempre!
Experimente-o, minha Senhora.

A'venda em todas as boas Casas

AGENTES GERAIIS STETTEN & C^o L^{da} 118. RUA DA MADALENA LISBOA

REPRESENTANTE NO PORTO: LUIS VEIGA - RUA DAS FLORES, 192, 1.^o

RAINHA DA HUNGRIA

OS MELHORES PRODUCTOS
PARA OS CUIDADOS DA PELE

**ACADEMIA SCIENTIFICA
DE BELEZA**

Directora: **MADAME CAMPOS**

Avenida, 35 - Telefone Norte 3641 - LISBOA

MAGAZINE

BERTRAND

CONTINUA A MANTER
A SUA SUPREMACIA

LEIAM O NÚMERO DE ABRIL

**Os homens
do amanhã**



A Maizena Duryea contem os elementos nutritivos necessarios para tornar sólidos esses tenros ossinhos e dar vigor aos delicados musculos que com tanto esforço mal aguentam agora o pequenino corpo vacillante, que ensaia os seus primeiros passos e que, no emtanto, formam a verdadeira base do organismo sadio e robusto da creança do amanhã. Peça-nos o precioso livrinho da Maizena Duryea, onde se encontram as receitas de muitos pratos deliciosos e alimenticios.

CARLOS DE SA PEREIRA, L.^{da}
Rua Arco Ban-
deira, 115 -
LISBOA



GRATIS

**MAIZENA
DURYEA**

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

DIRECTORA: D. Emilia de Sousa Costa

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

HELENA DE ARAGÃO

N.º 15

**QUEM NÃO QUERE
SER LOBO...**

Ilustrações de MAMIA ROQUE GAMEIRO

EDIÇÃO DA EMPRESA NACIONAL DE PUBLICIDADE
SUCESSORA DA EMPRESA DIARIO DE NOTICIAS -

Quereis a felicidade de vossos filhos pequeninos?

Dai-lhes a ler este encantador livrinho, escrito em linguagem simples e sugestiva e com magnificas ilustrações de D. Mamia Roque Gameiro.

PREÇO: 5\$00

A'venda na Filial do Diario de Noticias, Largo de Trindade Coelho, 10 e 11, e em todas as livrarias.

O célebre maestro Stokowsky e a notavel Orquestra de Filadelfia impressionam



a Grande Pascoa Russa,
de Rimsky-Korsakow

A Orquestra Sinfónica de Filadelfia impressiona exclusivamente discos «His Master's Voice»

A Orquestra Sinfónica de Filadelfia, sob a direcção do grande Stokowsky, impressionou recentemente, não só a célebre «Grande Pascoa Russa» (D-1676/1677) de Rimsky-Korsakow, mas tambem o Concerto núm. 2, em dó menor, Op. 18, 3 movimentos, de Rachmaninoff (em cinco discos duplos, D B-1333).

Outras, e igualmente notaveis, são as ultimas produções da «His Master's Voice»: figuram nelas discos da Orquestra Filarmonica de Viena de Austria — as Danças Húngaras nos. 1 e 2 de Brahms (B-3145); da Orquestra Sinfónica dirigida pelo maestro Coppola, o Nocturno núm. 1 de Debussy (C-1691); e os quatro discos em que Thibaud, Casals e a Orquestra de Pablo Casals (dirigida por Cortot) gravaram o duplo concerto em lá menor, op. 102, de Brahms (DB-1311 a 1314).

Peça uma audição destes discos, assim como dos novos discos de opera, de canções populares e de danças, a qualquer casa onde se vendam os discos e aparelhos «His Master's Voice». Se ainda os não conhece, ficará deslumbrado com elles. Grande Bazar do Porto, Lda., Rua Augusta, 150-152, Lisboa. Rua de Sta. Catharina, 192-198, Porto.

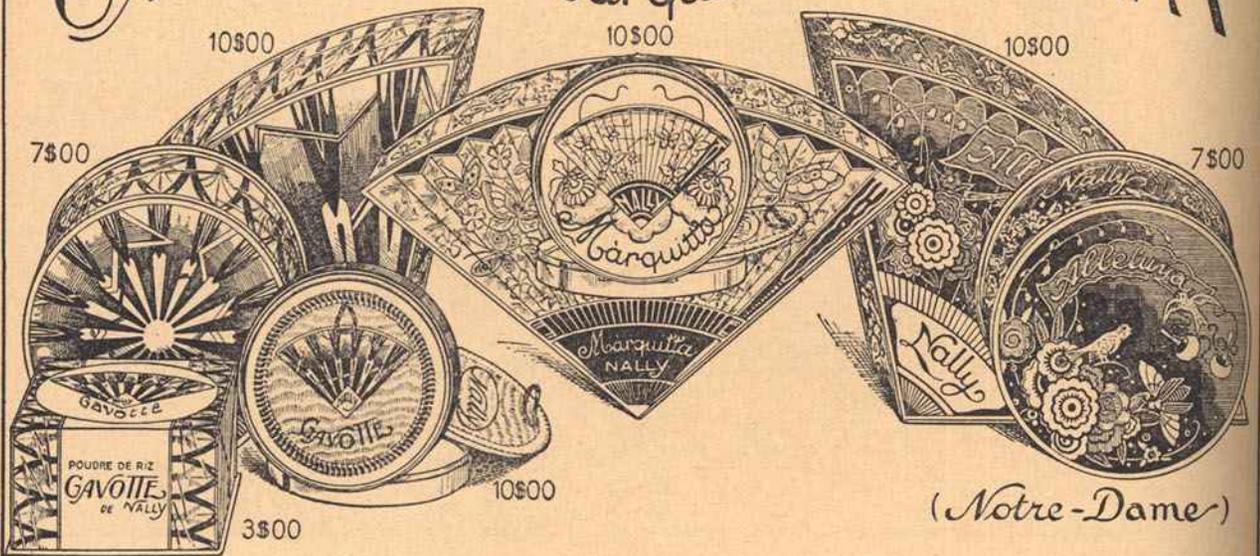


“HIS MASTER'S VOICE”

NADA DE CONFUSÕES!

São estes os pós de arroz de "NALLY":

"GAVOTTE" "Marquitta" "ALLELUYA"

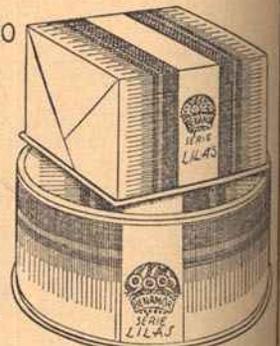


Magestosos produtos de beleza, inimitáveis pela qualidade, inconfundíveis pelo perfume e elegante apresentação!



Os produtos "BENAMÔR" são perfumados á base de essencias de

Nally



Caixas do rótulo "GATO"

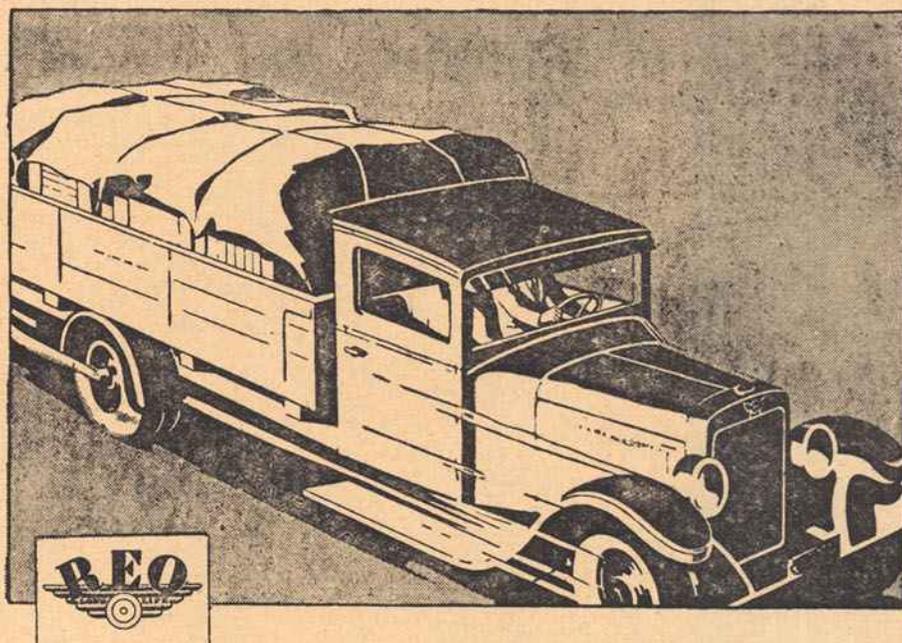
Caixas do rótulo "LILAZ"

Mas ouça, minha senhora. Na hipótese de haver algum estabelecimento onde lhe queiram vender qualquer outro produto pelos de "NALLY", não esqueça V Ex.^a que esse comerciante, olhando sómente aos seus interesses, lhe pretende vender apenas, não o melhor produto, mas simplesmente aquele que mais lucro lhe deixa. E, neste caso, procure V Ex.^a os produtos "NALLY" noutra casa, da mesma rua, que por certo lá os ha-de encontrar. — Reparar, com cuidado, que todos os produtos tenham a palavra "NALLY" nos seus rotulos, rejeitando por falsificados ou imitados os que a não tiverem.

À VENDA EM TODO O PAIZ, NAS BOAS CASAS

REO*

CAMIONETES VELOZES



**Quanto mais rápida seja a marcha,
maiores serão os benefícios**

As camionetes REO com capacidades desde 750 a 4.000 quilos de carga máxima, são de uma aceleração e de um rendimento que nada tem a invejar aos automóveis, mercê do seu novo motor "Gold Crown" de seis cilindros.

Sabe-se que uma temperatura adequada ao motor determina um melhor rendimento. Um invento exclusivo da REO evita que a temperatura entre os cilindros varie para mais de 4 graus e regula a temperatura do óleo em relação com as necessidades do motor.

Mercê dos bons serviços que proporciona o motor "Gold Crown" podem transportar-se cargas pesadas a velocidades muito maiores que as anteriores, assegurando portanto uma marcha mais rápida com o consequente maior benefício.

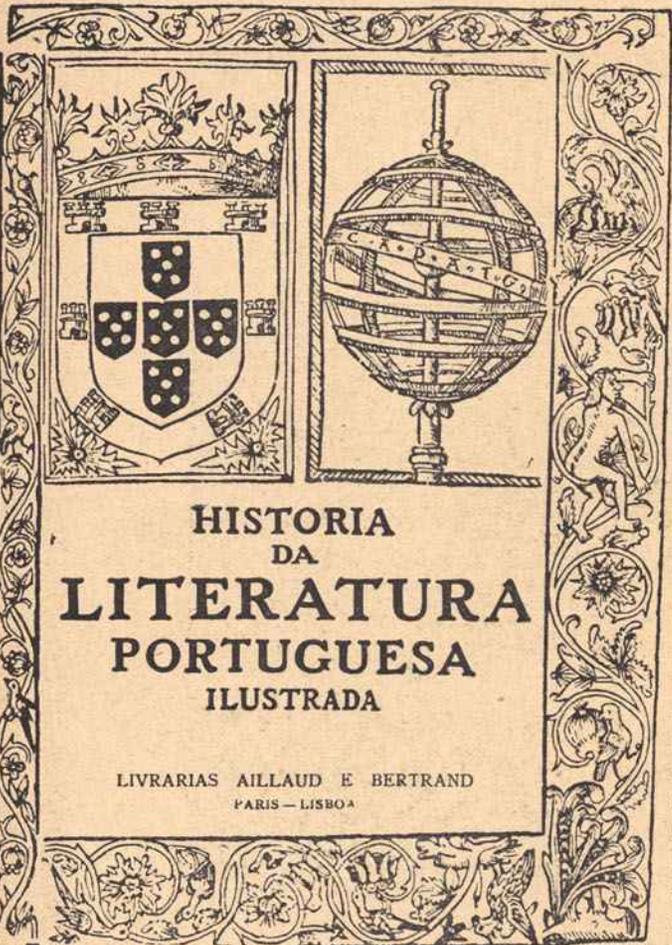
Algumas das características do REO: Motor de seis cilindros, fundido em Cromo-Níquel, nova liga de grande duração; cambota em sete chumaceiras; travões hidráulicos às quatro rodas; transmissão de quatro velocidades e lubrificação automática do chassis.

4 velocidades, 5 travões.

*REO são as iniciais de Ramson E. Olds, um dos primeiros fabricantes da indústria auto-motriz, fundador, com outros, há 27 anos, da REO MOTOR CAR COMPANY, e atual Presidente do Conselho de Direção da dita firma.

CONTRERAS & GARRIDO, Lda.

AVENIDA DA LIBERDADE, 165-171 :: TELF. N-789 (PBX) :: LISBOA



**HISTORIA
DA
LITERATURA
PORTUGUESA
ILUSTRADA**

LIVRARIAS AILLAUD E BERTRAND
PARIS — LISBOA

**A sair brevemente o XVIII tomo
A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE
EDITADA EM PORTUGAL**

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS :

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	30\$00	59\$00	118\$00

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHIA	REGISTADO		
		34\$50	67\$00 132\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR		36\$00	79\$00 138\$00
ESTRANGEIRO		37\$00	72\$00 142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- AFONSO LOPES VIEIRA, escritor.
- AFONSO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
- BRITO CAMACHO, escritor.
- AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
- AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Bibliotheca do Congresso da República.
- ANTÓNIO BAIÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
- AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
- CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
- CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
- COELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa.
- EUGÉNIO DE CASTRO, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
- GUALDINO GOMES, director interino da Bibliotheca Nacional de Lisboa.
- HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
- HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
- JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
- JOÃO LÚCIO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
- JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Bibliotheca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
- JOAQUIM LEITE, da Academia das Ciências de Lisboa.
- JORDÃO DE FREITAS, director da Bibliotheca da Ajuda-Lisboa.
- JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
- JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia de Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Ethnologic.
- JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
- JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos camoneanos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliothecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
- LUIZ XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
- MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- MANUEL DA SILVA CAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
- MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academias das Ciências de Lisboa.
- MOSES BENSABAY AMALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
- P. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
- QUEIRÓS VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
- RICARDO JORGE, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
- S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

A HISTORIA ILUSTRADA DA LITERATURA PORTUGUESA

(FORMATO 32 x 25)

EM TOMOS MENSAIS DE 32 PÁGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS

E CONTERÁ

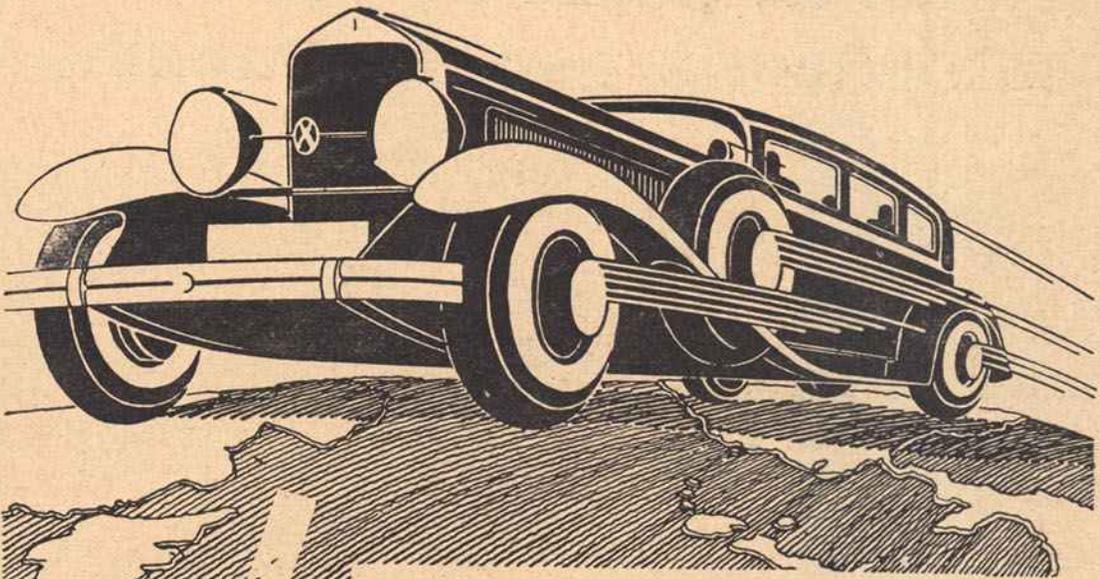
biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-similes de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a côres.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosissima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO... .. 10\$00



OS 8 CILINDROS TEEM OBTIDO UM VERDADEIRO TRIUNFO MUNDIAL!

A incontestável superioridade dos carros de 8 cilindros ficou plenamente demonstrada em 1929, com a apresentação de 17 modelos novos, de 8 cilindros, no "Salon" desse mesmo ano. A Casa Studebaker vende maior numero de carros de 8 cilindros do que qualquer outra marca, prova incontestável da supremacia dos seus 8 cilindros, cujas superiores qualidades de funcionamento, conforto, e tantas outras, conquistaram a preferencia do publico, justificada ainda pela satisfação que todos aqueles que já possuem estes carros manifestam.

A Studebaker apresenta hoje, com a garantia da sua experiencia de longos anos, 3 novos modelos : Dictator 8, Comandante 8 e Presidente 8.

*Podeis comprar estes carros
com o vosso rendimento, sem
tocar na capital.*

Unicos representantes para Portugal :

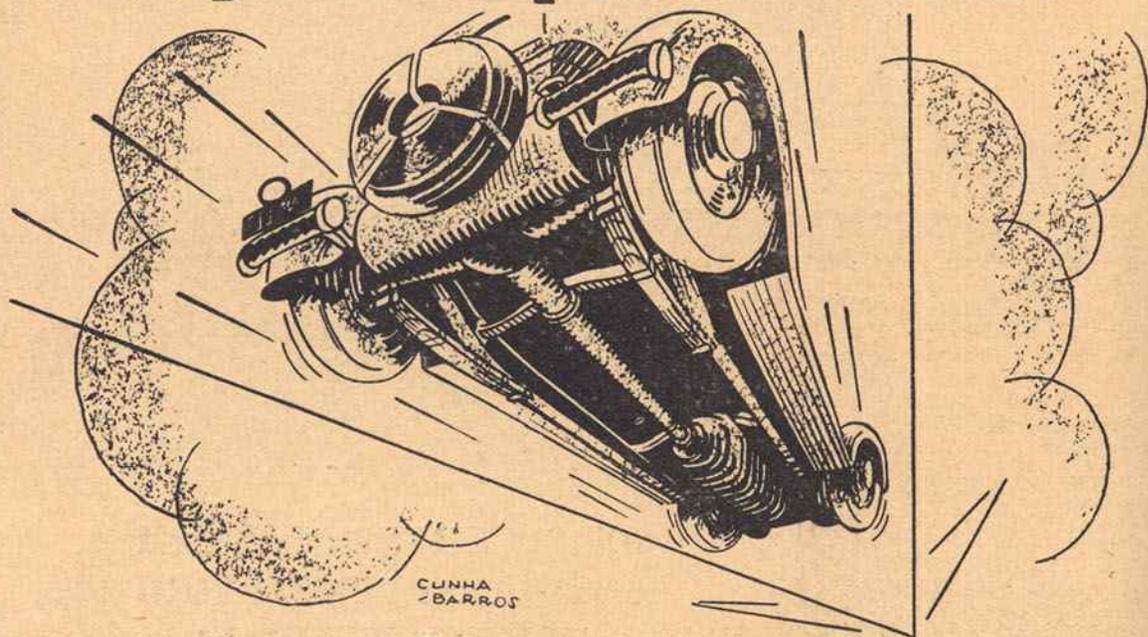
C. SANTOS, LTDA.

Lisboa : Rua do Crucifixo 55 a 59

Porto : Palacio do Automovel - Rua de Santa Catarina, 663.

STUDEBAKER

Todas as peças de um motor se opõem a que ele trabalhe.



Não há uma só peça de um motor que não oponha resistencia ao movimento produzido pela dilatação dos gazes, dentro dos cilindros. O contacto delas provoca, quando em movimento, a fricção, e por isto se vê como é importante o problema da lubrificação, quando se tem em vista o aproveitamento máximo da potencia de um motor.

Nos motores modernos de cilindrada reduzida, alto regimen, grande compressão e elevada temperatura de funcionamento, a lubrificação racional é além disso um factor primordial para a sua conservação.

Por isso o Gargoyle Mobiloil, fabricado pela maior Companhia de óleos lubrificantes de todo o mundo, está sempre a par do desenvolvimento automobilistico, de fórma a prover toda e qualquer necessidade de lubrificação.

É esta a razão pela qual entre 10 carros que há para lubrificar, nos carters de 7 deles só entra Mobiloil.

92 % dos fabricantes de carros americanos aprovam o emprego de GARGOYLE MOBILIL.

629



Mobiloil

O óleo mundialmente preferido pela sua qualidade

REFINARIAS: OLEAN (N. Y.) - ROCHESTER (N. Y.) - PAULSBORO (N. J.) - BAYONNE (N. J.)

VACUUM OIL COMPANY

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

R. da Alegria, 30 — Lisboa

REDACÇÃO

R. Cecílio de Sousa, 77-1.º

(Ant. R. da Procição)

Telef. T. 871

EDITOR: Augusto Brito

ANO 5.º — NÚMERO 103

ILUSTRAÇÃO

DIRECTOR-DELEGADO:
JOSÉ CARLOS DA SILVA

DIRECTOR:
JOÃO DE SOUSA FONSECA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

PROPRIEDADE DE:
EMPRESA NACIONAL
DE PUBLICIDADE
E
AILLAUD LTD. *

ADMINISTRAÇÃO
R. Diário de Notícias, 78
Telef. : T. 821 a 824

1 DE ABRIL DE 1930



O FUNERAL DE PRIMO DE RIVERA

EM CIMA: — S. Alteza o Infante D. Fernando (1) e o General Brenguier (2), presidiendo o acompanhamento

AO CENTRO, à esquerda: — O cortejo saindo da Estação do Norte

NO MEDALHÃO: — A câmara ardente na Estação do Norte

EM BAIXO, à direita: — O cortejo desfilando no bairro de Vistillas



CRÓNICA DA QUINZENA

Fomos a Hendaia vêr os emigrantes que chegavam de Portugal. A fronteira estava-lhes fechada havia três dias e, no entanto, os restos não escoados da enchente inundavam as ruas, atulhavam as duas imensas cantinas, construídas adrede para os explorar, e no átrio da estação as rumas das bolsas de chita, contra as paredes, testemunhavam sua aluvial e avassaladora miséria a par com a sua bárbara simplicidade. Pela rua íngreme que contorna a cidade pelo sul até encontrar o Bidassoa, subiam e desciam grupos deles com o ar de gente perdida que procura a direcção. É para aquelas bandas o *Depôt*... Euscado perguntar-lhes se são portugueses. Intonsos, maltrapilhos, ombros erguidos, mãos nos bolsos, a trirrar dentro da andaina de cotim por cima da camisa de riscado, às vezes a petisca do cigarro detrás da orelha, distinguem-se à légua na população local, bem comida e agasalhada contra o frio que corta como lâmina de aço. Têm tôdas as idades, desde o rapaziinho imberbe de dezassete anos ao homem de cabelos brancos, no pendor da velhice, e são originários de todos os cantos do Norte de Portugal. Parecem uma mescla de raças, e o que lhes dá tipo, tipo inconfundível, é o seu aspecto de párias, iguais na pobreza e desataviado. Ouvimos-lhes as vozes doces e cantantes dos vales, as vozes ásperas das serras, e por sua insistência, se não fôsse a noção do meio, tão diferente do nosso, nas casas, no clima, nas formas, julgar-nos-íamos na terra portuguesa. Quando nos acercamos deles a falar a sua língua, mostram olhos pávidos e suspicazes. Pudera! Para chegar até ali, tiveram que atravessar tôda uma Falperra de chatins, a começar pelo engajador e a terminar não sabem quando, enquanto não tenham assegurada a «embocha», como dizem. Depois, à medida que se vão tranquilizando mercê das nossas palavras, ficam com um ar dócil e parado, boca aberta, olhos bovinos poisados em nós, cheios duma humildade e mansidão comovedoras.

Para onde vão? Não sabem. A maior parte deles vieram sem contrata, os raros que a traziam de Portugal ignoram a que espécie de trabalho ficam escravizados, no desconhecimento que têm do francês, e porque ninguém, tão pouco, os elucidou. São carpinteiros ou tecelões, e empregá-los hão nas fábricas de ielha; mecânicos, e atiram-nos para as derrubadas das florestas, onde a fêria lhes é contada a tanto por metro cúbico; pedreiros ou caiadores, e abarcarão o mister a talho de foice. A maior parte nunca exerceu profissão especial e, enquanto estejam em França, não passam de *manoeuvres*, que é o degrau mais baixo e menos rendoso na escala operária. O problema para eles é encontrar trabalho; para os industriais recrutar mão de obra barata, cômoda, sem responsabilidades, isenta de convenções, ao contrário

da italiana e da polaca, e nenhuma corresponde a este *desideratum* como a portuguesa. O operário português, com efeito, humilhar-se há à mais dura tarefa, aceitará uma possilga para dormir, ignora o que sejam *grèves*, come uma côdea de pão e um badulaque hediondo, contenta-se com um salário irrisório, e atrás dele não há autoridade diplomática ou consular a velar pelos seus direitos, a sua saúde, a sua hygiene, a assistência própria ou dos seus em caso de desastre. Mediante a contrata, que assinou com dois rabiscos ou de cruz, é um escravo que se vendeu de corpo e alma ao senhor. É de ano, geralmente, o prazo de validade destes ajustes, e, durante êsse espaço, perdeu o gôso absoluto de si próprio, ninguém possuindo alçada suficiente para lhe modificar a sorte. Se deserta, o patrão manda-o prender; se levanta cabeça por doença, forçoso é que o patrão o autorize; as condições de trabalho podem modificar-se, êle não tem remédio senão submeter-se; numa palavra, não se pertence; perdeu os seus foros de cidadão; é como os negros de África.

Não obstante a lei draconiana sob que labuta o operário português, a afluência é avassaladora. No *Depôt* calam o contingente. Lançamos um número ao acaso:

Vinte mil, anualmente?

— Talvez — respondeu-nos.

Êste talvez deixa-nos conjecturar quanto a nossa avaliação foi moderada. O *Depôt* seria, de resto, incapaz de levantar a estatística da emigração portuguesa. Muitos dos nossos operários entram clandestinamente em França pelas várias portelas dos Pirenéus. Duas vezes por semana, ao que nos informam, grandes auto-cars vêm, carregados deles desde a fronteira espanhola, lançá-los na terra ambicionada. Dêste modo, eximiram-se a mil formalidades complexas, embora seja leonina a parte do engajador. Entrar em França, em verdade, custa coiro e cabêlo. Nos termos legais, o operário deveria trazer, a par com o passaporte, o contrato de trabalho. As autoridades portuguesas entenderam que havia gente de sobra no país e passaram a conceder salvos-condutos para Espanha a tôrto e a direito. O engajador, *persona grata*, obtém-nos nas repartições distritais com uma perna às costas, transpõe com a sua leva a raia e na primeira estação do caminho de ferro tira uns tantos bilhetes de terceira e adeusinho. Em S. Sebastião lá está o vice-cônsul para dispensar passaporte a cada um, habilitado com o qual o mísero se apresentará no *Depôt*. Esta palavra que

significa, acima de tudo, lugar onde se arrumam coisas, denuncia o que aquilo é: umas duas ou três barracas, que fazem as vezes de secretária, com um telheiro ao fundo, nú, em ripas, tarimbas a todo o longo dos muros, para receber a mercadoria humana. Para mais, êste barracão deixou de ser empregado, pois que ao lado e perto da *gare* se instalaram duas cantinas com dormitórios, mais ignóbeis que tudo o que há de ignóbil, onde pernoitam os párias à razão de três francos por cabeça e comem, a sete francos cada repasto. São as construções mais miseráveis que há em Hendaia. Se alguém quiser dar com elas, mercê desta indicação não têm que errar. Uma das cantinas nem sequer é telhada; cobrem-na grandes fôlhas breadas e é térrea, húmida, com as tábuas pregadas contra estacas cravadas no chão. Dá para uma sorte de sórdida azinhaga, que olha em baixo para um dos chafurdos do rio. A outra é um falanstério de madeira, remendado, esburacado, lóbrego, com êste título numa tábua de palmo: *Hespanhola Cantina Portuguesa*.

No terreiro do *Depôt*, quer chôva quer neve, a horda espera a vez de chamada. A repartição é acanhada, mas que não fôsse, *la queue se fait à la porte*. O antigo basar de escravos, em Alger, não podia ser menos confortável.

Ouvimos as queixas dos escriturários, que não têm mãos a medir para distribuir pelos centros fabris a avalanche quotidiana de homens que chegam de Portugal.

— Há cinco dias tivemos de rechaçar 800 para Espanha — dizem-nos.

Em S. Sebastião empurraram-nos para Irum; em Irum, dormem nas portas, sob o alpendre da estação, ao abrigo dos muros. São multidões compactas. Para deitar até ali empenharam-se, venderam a courela, enforcaram-se no prestamista rural. Vêem atrás da miragem como ontem com o Brasil, há séculos com a Índia. Desde a sua terra até o lugar da escravidão vão deixando em espórtulas e alevales o jornal de muitos meses. A sua miséria tornou-se uma fonte de riqueza para muitos, e o mister rendoso de não poucos. Pobre raça errante e desgraçada que abandonou a sua aldeia, coagida pela fome, parece o rebotallo da humanidade, vista para cá de fronteiras.

— Quem ficou na vossa terra? — perguntamos.

— Os velhos que não podem andar, as crianças, as mulheres, não tôdas. Havia de fugir tudo, e a erva crescer nas casas e nas ruas!

O homem que assim fala range os dentes e na sua face espelha-se uma infinita amargura e o desespero de haver desamparado o lar, talvez a mãe velhinha, ou a noiva.

ESTE NÚMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA



Saída da tradicional procissão do Senhor Jesus dos Passos que se venera na igreja da Graça e que este ano congregou naquele ponto da cidade uma multidão enorme de curiosos e devotos

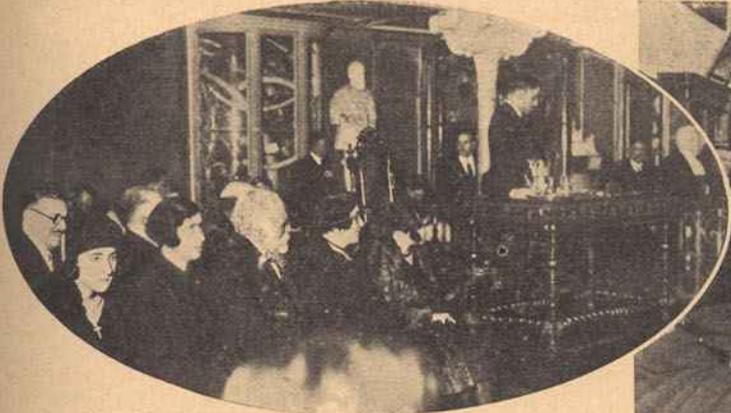
COMEMORAÇÕES PIEDOSAS



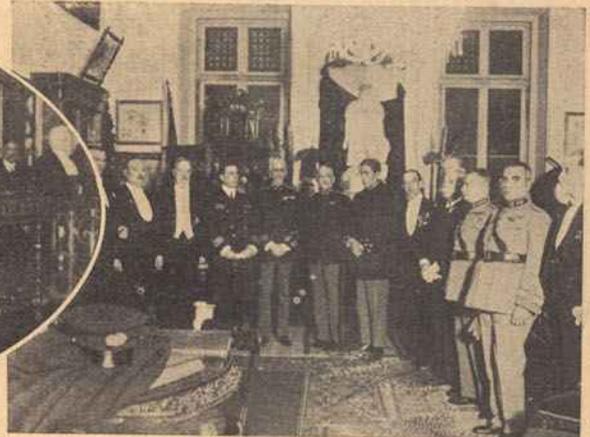
Um curioso aspecto do desfile destacando-se os andores do Senhor Jesus dos Passos e o de Nossa Senhora das Dores, conduzidos pelas respectivas irmandades e ricamente engalanados e floridos



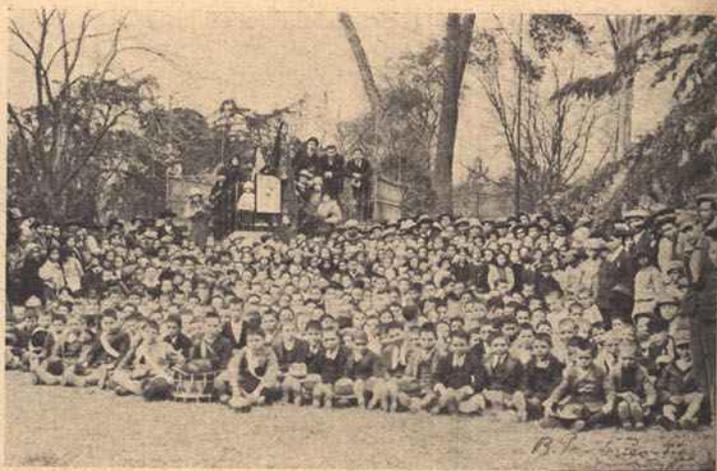
A ESQUERDA: — Outro aspecto do desfile vendo-se sob o pólo a cujas varas pegam as figuras mais marcantes da nossa «vieille roche», o Nuncio Apostólico de Sua Santidade conduzindo o Santo Senho



A família do sr. António José de Almeida assistindo à sessão de homenagem à memória do venerando estadista



Algumas das altas individualidades que assistiram à sessão de homenagem



FIGURAS E FACTOS

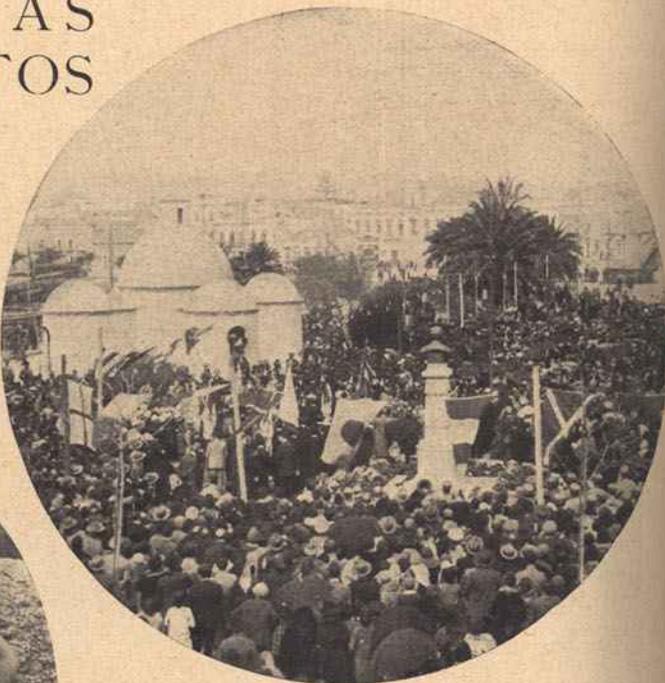
ECOS DO CARNAVAL

VIANA DO CASTELO

— EM CIMA, no medallão: — D. Maria Margarida Branco 1.º prêmio do «bal de têtes» no Sport Club Vianense

A ESQUERDA: — A mesma senhora numa elegante fantasia

EM BAIXO: — A menina Maria Helena C. Dias em «As de Copas»



FARO — Cerimónia da inauguração do monumento a João de Deus

EM LISBOA — EM BAIXO: — O sr. Presidente da República e a Comissão de honra da Exposição de Rendas de Vila do Conde na casa Barbosa e Costa



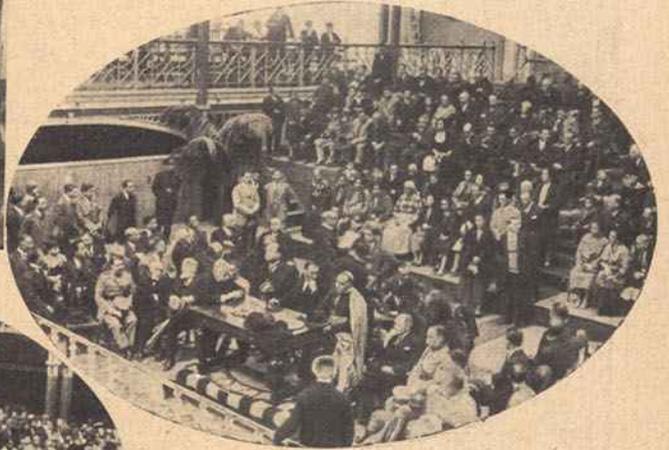
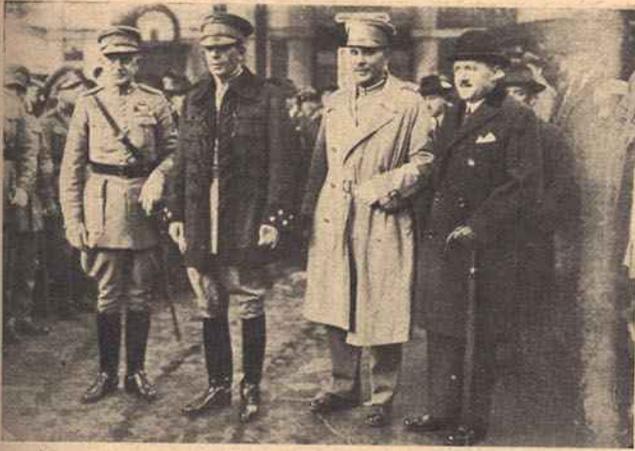
A ESQUERDA: — O menino António Alberto C. Dias em «As de foot-ball»



FARO — NO ALTO, à direita: — Inauguração do monumento a João de Deus. As crianças que tomaram parte na festa

ACTUALIDADES

A ESQUERDA: — Os srs. ministros da Guerra e do Interior, general Bilstein de Menezes, comandante da 1.ª Divisão e dr. Nunes da Ponte, governador civil do Porto após a chegada a S. Bento.



Festa do Trabalho. — Mesa da presidência e operários que receberam o prémio «Xavier da Mota»

NO OVAL, à esquerda: — Um aspecto da assistência na nave do Palácio de Cristal durante a distribuição dos prémios

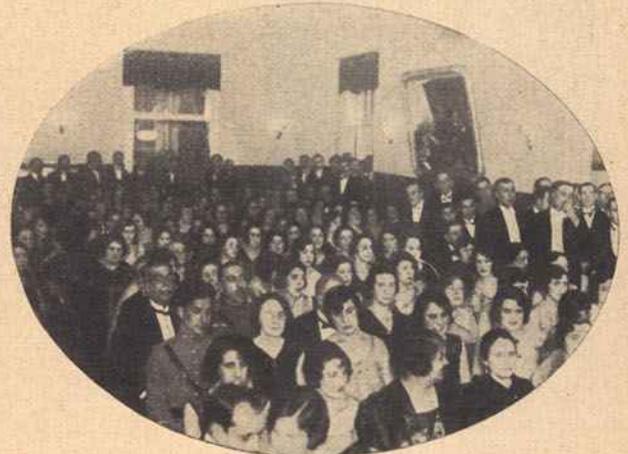
A ESQUERDA, em baixo: — A sr.ª D. Berta Burnay e o sr. Roberto de Noel que no dia 18 p. p. se consorciaram na igreja de S. Luis, Rei da França



NA CASA DO ALGARVE — O sr. almirante José Francisco da Silva lendo a sua conferência no passado dia 22

NO OVAL, em baixo: — Um aspecto da assistência

EM BAIXO, à esquerda: — A avioneta que, requisitada pela T. S. F., levou de Johannesburg a Malange o soro anti-rábico para socorrer uma senhora mordida por um cão raivoso



FIGURAS — DO — MOMENTO



MARINA DEWANDER GABRIEL

Ilustre cantora e professora que apresentou as suas distintas discípulas num recital em 17 do corrente, obtendo um grande êxito.



LORD BALFOUR

Eminente homem público inglês, conhecido por ao político sem inimigos e que faleceu recentemente.

(Desenho de Ward.)



LOR IRVING

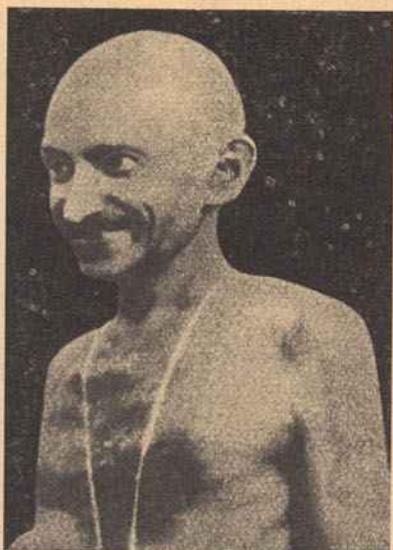
Vice-rei da Índia, encarregado de sufocar a rebelião civil de Ghandi e que acaba de enviar um ultimatum ao célebre caudilho.

(Foto Orriós.)



PUNDIT NEHU

Jóvem propagandista indio, presidente do último Congresso de Lahore onde se resolveu a «desobediência civil» e que foi preso pelos ingleses e é tido como refém em Calcutá.



MAHATMA GHANDI

O grande agitador hindu, verdadeiro apóstolo da independência da Índia, figura de extraordinário relevo mundial, que acaba de declarar a guerra sem tréguas à Inglaterra opressora, decretando, para os seus adeptos, um movimento de «resistência civil» a que aderiram 90 % das autoridades indígenas e a massa mais imponente da população, o que traz graves preocupações ao governo inglês.



GENERAL VON LINSINGEN

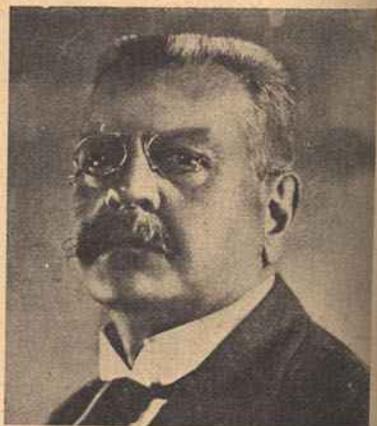
Um dos mais célebres chefes alemães na Grande Guerra e que festejou o seu 80.º aniversário com um discurso pan-germanista violentíssimo.

(Foto Orriós.)



ALVES CARDOSO

Ilustre pintor paisagista e apreciado retratista que acaba de falecer sendo a sua morte muito sentida.



PRINCEPE LOUIS DE MÓNACO

Segundo as últimas notícias dos «mentideros» o príncipe de Mónaco, desgostoso por vários incidentes fúteis, vai abdicar na sua filha natural a princesa Carlota.

(Foto Orriós.)

POR ESSE MUNDO



EM CIMA, à direita: — EM MADRID. — Lançamento da primeira pedra do monumento da Rainha Cristina nos jardins do Barrio com a assistência do Infante D. Jaime, representando o Rei



NO MEDALHÃO: — O sr. Sango, ministro do Trabalho, pronunciando o seu discurso



NO OVAL, à direita: — EM LISBOA. — Direcção e sócios do Ginásio Club Português comemorando o 55.º aniversário da sua fundação

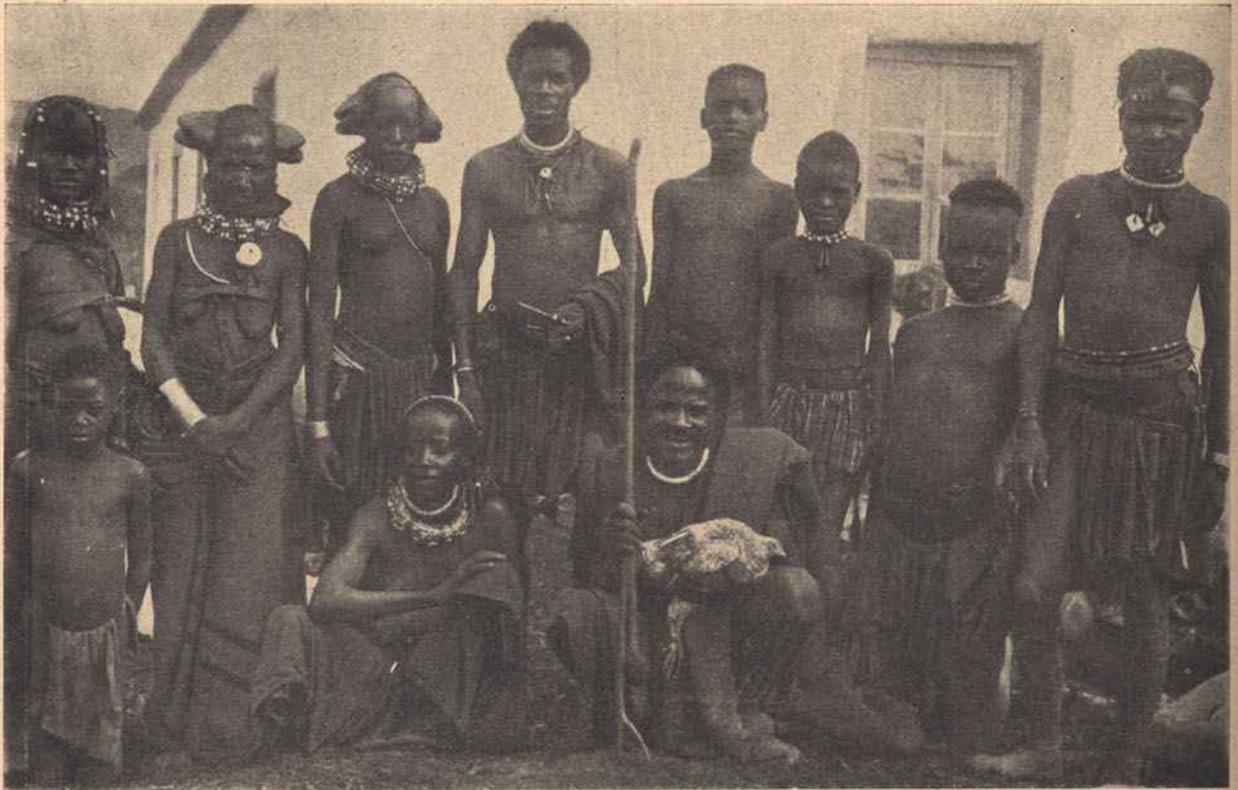


EM CIMA, à esquerda: — Os srs. Presidente do Concelho, ministro do Interior e membros do Conselho Superior de Administração Pública no dia da posse dos juizes efectivos e substitutos

NO MEDALHÃO: — Banquete de confraternização da Associação da Classe Comercial de Braga (Empregados no comércio)



NO OVAL, à esquerda: — O sr. dr. Armando Cortesão, que na Sala Portugal da Sociedade de Geografia expôs o que seria a representação de Portugal na Exposição de Antuérpia



EM TERRA DE PRETOS

SUA MAJESTADE A RAINHA CALINACHE DO CUANHAMA

Há coisas que parecem irrisórias, quasi não se acreditavam se não se vissem, mas são verdadeiras. É o facto de num país liberal como o nosso, governado por uma República Democrática e intransigente, se consentir ainda uma Rainha, uma senhora coroada.

Portugal, esse vasto império que faz cobiça a toda a gente, se é certo que é governado por uma dama de barrete frigio, senhora que nunca se prendeu com os preconceitos da linhagem, ainda ostenta, talvez para que a tradição não perca o seu esplendor, vários reinados adentro da sua jurisdição colonial e, entre elles, o do Congo e Cuanhama — reinados estes cujos sceptros estão confiados a Majestades negras, personagens de vulto e descendentes em estirpe de Lusbel — embora sem cauda como o primitivo Patriarca desta raça em virtude de Salvador Correia Sá e Benevides e tantos outros lhe terem cortado para que os negros se não parecessem com o macaco de quem são irmãos em sangue e muito puros!...

Um destes reinados, o do Cuanhama, que fica adentro do distrito administrativo da Huila, tem como regente uma *senhora Dona* — uma *Dama Ilustre* que, para governar o seu povo não precisa de ir aos centros da Europa comprar na sciencia a cultura ou a legislação do seu tacto administrativo, não. Vive sem códigos e sem leis, pois ser-lhe-hia de custar caro esse luxo, aumentar-lhe-hia os madraços na Pátria, e, nem mesmo os seus palacianos estavam dispostos a semelhantes maçadas que, julgando-se que não, são por vezes «charras», causam até nervos aos ociosos quanto mais a um povo que queira trabalhar.

Não admite parlamento nos seus domínios e com razão, pois da Europa e do tal chamado mundo culto, tem-lhe chegado noticias do que são essas casas — em certas occasiões mais tumultuosas que as «zaragatas» da Feira da Ladra, principalmente quando as oposições se levantam para protestar contra algum projecto de

lei que tem por fim bafejar com a sorte o afilhado de A ou B. Se alguma coisa tem a resolver no reino chama os seus Seculos (!), ouve-lhes a opinião e depois delibera sempre da forma mais harmonica possível em favor de todas. Este modo de actuar é o mais democrático que pode existir adentro dum regime de manto e corda, sendo crível que, quando um dia estas ideias invadam certos pontos da Europa, o crêdo que o finado Dr. António Sardinha deliniou com tanta pericia seja posto de parte, visto que o adoptado pela raça negra nos garante mais *liberdade e harmonia* na sua forma governativa e justiceira.

A-pesar da sua enormissima fortuna não tem este reino um palácio para receber os visitantes, não. Sua Majestade, para não perder a usança já vinda da longitude dos seculos no azul sangue dos seus antepassados, vive numa senzala de capim, onde tem como leito uma esteira, talvez mais regaladamente ou feliz que os antigos titulares ou novos-ricos de hoje em seus palácios porque, pelo menos, não tem a saturá-la a ideia de que para viver assim deixou na miséria ou na fome milhares de seres humanos.

As reuniões dos seus seculos, para mostrar o desprezo pelas pragmáticas sociais, não as realiza em salões dourados onde mobílias estilizadas se fazem notar, como nos tais chamados países civilizados, mas somente e por causa de não sujarem os pés nos encerados dos soalhos ou nos tapetes, a sombra dum hibondeiro, cajueiro ou bananeira, sentados no chão em perfeita confraternização refrescando de quando em vez as gargantas com uns goles de marujo ou gongo, como se estivessem num familiar *pic-nic*.

Tem horror às vestes de gala, e só toma esses exornos com que o capitão sr. Augusto Casimiro a dotou, quando com o seu séquito desce ao

povoado para cumprimentar o *meunepulo* (!), pois nessa ocasião, não pondo manto nem diadema, enverga o seu vestido metropolitano, a sua sombrinha e colares de marfim, porque, de resto, nos outros dias, cobre as partes do pudor apenas com uma pele de cabrito, põe os seus fios de missangas em volta do pescoço e da cintura, enfia umas argolas de metal ou cobre nos braços, à imitação de pulseiras, e entre os seus opulentos mas já caídos seios, suspensos a custo por uma correia, ostenta um grande búcio, simbolo da sua estirpe, e a quem ela dá mais apreço que a uma comenda.

Por não ter nos seus domínios homem de sangue tão fidalgo como o seu, não casou — a-pesar de que já muito branco, talvez por desprezo da raça a que pertence, lhe tem feito a corte — mas em compensação tem um grupo de *fangas* (!) que a osculam quando ella assim o requer, visto não querer, como todas as boas metropolitanas, perder os direitos aos seus frémios de amor.

Não é uma mulher bonita, feia até; mas os seus *fangas* adoram-na, é venerada por todos porque se trata duma Majestade de hereditária descendência, embora ainda aparentada com o diabo na cor.

É contudo interessante ver a submissão dos pretos ante esta Rainha que, em qualquer parte da Europa não representaria sequer a personalidade dum moço de fretes, mas nestas longinquas paragens é uma senhora dona a quem é preciso pedir vénia.

Aqui tem como Portugal, país republicano, sustenta um reino numa das partes da colónia de Angola, cuja chefia está confiada a uma mulher que, sem ter cultura, o administra sem dispêndio para o Estado e ainda lhe paga os seus impostos.

ZARCO DE ALMEIRIM.

(!) Antigos sobas.

(!) Chefe de distrito.

(!) Amantes.

MUSEU DO PRADO

MADRID



PAULO

RUBENS

O Jardim do Amor

FIGURAS EXCÊNTRICAS DA NOSSA TERRA

MARIO DOMINGUES VAGABUNDO

ENTREVISTADO POR MARIO DOMINGUES JORNALISTA EXALÇA
OS ENCANTOS DA VAGABUNDAGEM, FAZ COMEN-
TÁRIOS Á VIDA DA BOA SOCIEDADE,
QUE AFIRMA DETESTAR



adormecidas das grandes capitais; perder-se, durante as tardes rumorosas, por entre a multidão; aventurar-se por mares e continentes, gozando em segredo, sem ser visto, anónimo como um insecto qualquer, o espectáculo dos grandes perigos, que mais tarde se contam ao calor brando da lareira, dos costumes estranhos de povos exóticos, que se fixam para sempre na nossa retina, das desgraças súbitas das quais se escapa milagrosamente — quem haverá que não tenha sonhado, por momentos ao menos, uma existência assim?

Todos teem tido um instante na vida em que desejariam apagar-se em sombra, em fluido que ninguém notasse, para observarem o mundo secretamente, para não terem responsabilidades, nem cuidados, nem deveres, renunciando para alcançarem tal ventura, a todos os direitos. É nesse instante que invejamos o Pária, o Ninguém, o vulto estranho, anónimo, andrajoso, mal barbeado que por nós passa pedindo-nos esmola e prossegue a marcha, de rua em rua, de beco em beco, e se some no incógnito...

Homens de negócios de actividade febril, escritores de nomeada que de súbito a multidão engeita, políticos que a intriga arremessou para a senda espinhosa do descrédito, burguesinhas que um matrimonio infeliz tortura em silêncio, confessai, quantas vezes sentistes o desejo ardente da vagabundagem, abalando por aí fora, libertos do peso esmagador dos preconceitos que vos envolvem! Quantas vezes invejastes o vagabundo que passa como uma sombra através da Vida!

Quando nos disseram que Mário Domingues, o conhecido jornalista e escritor, renunciando á posição que conquistara na sociedade, resolvera transformar-se em um vagabundo mesquinho, não nos admirámos. Ele apenas tivera a coragem de pôr em prática o que tu, leitor, por timidez, nunca ousarás fazer.

Deveriam ser curiosas as suas impressões. Nós, que conhecemos a sua alma de escritor, tivemos um grande desejo de mergulhar a fundo na sua alma de vagabundo. Procurámo-lo activamente por toda a cidade; espreitámos os bairros pobres da encosta de Monsanto, as vielas sombrias de Alfama e Mouraria, as docas pejudas de atlânticos, e fomos encontrá-lo, por fim, na travessa dos Remolares completamente transformado em autêntico pária: barba mal cuidada, uma boina velha carregada para os olhos, sapatos cambados, fato de ganga azul enodoado e, por único abafo, uma camisola de marítimo que fôra branca noutros tempos.

Era tão miserável o seu aspecto que não pudemos deixar de lhe dizer em tom de leve reprimenda:

— Homem, Você não tem vergonha de se apresentar nesse estado?...

Depois de nos fitar com certa altivez, Mário Domingues respondeu-nos:

— Um vagabundo que tem vergonha, não é vagabundo. O abandono e o desprezo de si próprio é a sua mais poderosa força moral. Na ausência de vergonha, no à vontade, no *não te rales*, reside toda a sua felicidade.

Temos tido contacto com muitas figuras excêntricas da nossa terra, mas que, assim, logo de chofre, nos surpreendesse com uma filosofia

tão estranha e ao mesmo tempo profunda, era a primeira vez.

Convidámo-lo a seguir-nos até qualquer parte, onde, melhor instalados, pudessemos conversar com mais sossego. Entramos numa leitaria próxima e abancamos.

Na alma de cada homem, bem lá no fundo, existe um vagabundo escondido. A aventura atrai como o abismo, e o vagabundo é o profissional da aventura. Não há quem não sinta a sedução da vagabundagem. Errar, ao acaso, pelas madrugadas silentes, através das ruas

— Que prefere Você tomar? — inquirimos, amáveis.
 E como ele hesitasse, lembramos-lhe :
 — Cacaú e bolos?... Vinho do Pôrto?...
 — Um cálice de aguardente — rematou ele.
 — Você sabe que o seu desaparecimento tem causado uma viva emoção no grande público? — Mário Domingues encolheu os ombros, indiferente.
 — Os homens tem a suprema felicidade de

se inventa a favor de um pseudo-marítimo que naufragou ou perdeu o navio onde andava embarcado, bastam para garantir o pão de um ou dois dias. Se a mendicidade falha, vai-se ao trapo, que é bem pago, vai-se à pesca nas docas e até, se fôr preciso, trabalhe-se meio dia numa descarga. Habitação? A Serra de Monsanto é pródiga. As furnas não estão lá para outra coisa. Cai-se doente? Temos o hospital onde nos tratarão com menos carinho do que em casa

grande comerciante seu rival. Quanto aos bons quadros, tenho os que a Natureza me oferece, de tintas admiráveis e concepções sempre perfeitas. Você já gozou a emoção, a vaga angustia que se desprende não se sabe de onde e para na atmosfera das grandes docas ao entardecer? As belas estátuas! Repare nas esbeltas figuras animadas-de côr e de graça que são as ovarinas, de manhã, ali na Ribeira Nova, quando por nós passam airozas, ajoujadas de canastras de peixe. As leituras sérias? Tenho melhor do que imagina. Tenho a alma humana, o grande livro de páginas incontáveis, cheio de surpresas e emoções, onde se lê toda a espécie de literatura: a de viagens maravilhosas, a de amor, a social, a filosófica, a psicológica e a humorística. Oh, a humorística! Que trágicas páginas de humorismo em tenho folheado nestes últimos dias!...

Sobre estas palavras quedou Mário Domingues silencioso, absorto, como se mentalmente estivesse revendo essas páginas maravilhosas que acabava de citar.

— Estamos convencidos — dissemos nós, quebrando o longo silêncio — de que terá saudades da sua vida antiga, e em breve tornará a ser o Mário Domingues que o público conhece.

Teve ele um sorriso amargo e confessou :

— Saudades da antiga existência não tenho. Vida de maçadas, de sorrisos forçados, de comédias burlescas, de histrionismo sem arte, de primeiras representações em que se felicitava calorosamente o autor com efusivos abraços para anavallá-lo depois com uma notícia anônima de jornal, em que escreve « esse talentoso escritor, para se murmurar na má-língua dos cafés : « Um imbecil, em que se confessava uma louca paixão por uma quarentona pensando secretamente no seu príncipesco dote — essa vida não me seduz, creia. Entretanto, confesso-lhe, voltarei a ela.

E quando iam a esboçar um sorriso de triunfo, Mário Domingues deteve-nos com um gesto da mão suja, unhas voladas de negro, para nos dizer baixinho :

— Volto à antiga existência porque sou, como Você, Mário Domingues, um fraco, um covarde. Não tive coragem de cortar todos os liames que me ligavam à comédia do meu passado. Ainda fiquei prêvo ao jornalismo, como o filho à mãe pelo cordão umbilical. Torbarei ao que fui para contar no *Notícias Ilustrado* como pode viver em Lisboa, durante oito dias e oito noites, um homem sem trabalho, sem pão e sem abrigo.

E despediu-se em seguida, tomou a passo vacilante o caminho do Cais do Sodré, corcovado, sombra miserável que vem não se sabe de onde e marcha para o desconhecido. Vimo-lo desaparecer na quebra da esquina — e quedamos invejando, muito no íntimo, a sua estranha vida de aventura.

MÁRIO DOMINGUES.



esquecer. Em breve o público se esquecerá de mim, como eu já quasi esqueci o meu passado.

— Então olvidou tão depressa a sua vida jornalística, os seus artigos, por vezes ruidosamente discutidos, as suas entrevistas com os tipos mais excêntricos de Lisboa, os seus livros, os seus amigos?...

— Tudo isso, meu amigo — interrompeu ele — me parece que aconteceu há muito tempo, mergulha já num pretérito longínquo; dir-se-ia mesmo que todos esses factos que acaba de rememorar sucederam na vida de outra pessoa, de um outro Mário Domingues. De resto, eu agora não me chamo Mário Domingues, sou simplesmente Joaquim, sem apelido, Joaquim Ninguém, se quiserem, sem trabalho, sem dinheiro e sem abrigo.

— E essa situação incerta não lhe causa apreensões? — inquirimos nós, alarmados ante a sinceridade que o vagabundo imprimia às suas palavras.

Riu-se, um riso largo, da boca grande, revelando os dentes claros a brilhar na face escura.

— Apreensões?... Tive-as dantes, quando possuía um lar e uma família, uma renda de casa a pagar, o pão dos outros a conquistar, o receio de cair um dia no desagrado dos meus leitores, o medo de que os impostos sobre o papel fizessem desaparecer os jornais e as revistas onde colaborava, a antevisão de que o público não compraria os meus livros, deixando-os aos montões nos livreiros, o desgosto de ver os fatos caros esgarçarem-se sem que possuísse dinheiro para substituí-los, a preocupação do câmbio que se refletia no custo da vida, o temor de que uma manobra internacional nos furtasse as colónias, causando-nos um abalo económico incalculável... Apreensões tinha eu antigamente. Agora vesti à minha alma uma nova personalidade e tudo em meu íntimo é tranqüilo, plácido como a face serena de um lago.

Assombrava-nos aquela nova maneira de pensar de Mário Domingues. Dificilmente nos habituávamos à ideia de que ele havia mudado de personalidade como quem muda de camisa.

— Homem — dissemos-lhe, incrédulos — isso não passa de filosofia. Não se saber se se comerá durante o dia, não possuir um abrigo certo, não nos socorrer uma mão suave e fresca de mulher que pouse na nossa fronte febril, deve causar uma angústia mortal, uma preocupação asfixiante.

— Filosofia — ripostou o ex-jornalista — é o que Você acaba de me dizer. Primeiro: ninguém, com dois dedos de esperteza, morre de fome em Lisboa. A caridade lisboeta roga pela imbecilidade. Uma lamúria a uma esquina, uma história comovedora que se conta a um taberneiro, na aparência feroz, no íntimo sentimental como uma donzela, uma subscrição que

sob o olhar meigo de uma mulher, mas com mais sciência e eficácia.

Mário Domingues fôra eloquente, mas não convincente. Não nos conformámos com os seus argumentos. Enquanto ele enrolava o seu tabaco Duque em mortalha de alcatrão, nós iam ponderando :

— Em todo o caso, Mário, para a sua sensibilidade requintada, para o seu espirito enamorado das coisas de arte — os bons quadros, as belas estátuas, as leituras sérias... — o contacto com gente de baixa esfera social deve ser torturante.

— Esgana-se, amigo — ripostou o ex-escritor — entre os miseráveis tenho encontrado, e mais genuino, mais sincero, mais pitoresco, tudo o que busquei entre as chamadas pessoas de boa sociedade. Nunca um pobre-diabo me recusou um pedaço do seu pão quando tenho fome. A solidariedade entre os que sofrem, os que conhecem a vida a fundo, é muito maior do que se pode supor. Um pequeno ladrão socorre sempre outro pequeno ladrão, um grande comerciante é capaz de fazer impossíveis para arruinar outro



VIDA DE CÃO

MONSIEUR PÉRICLES, ENTREVISTADO PELA «ILUSTRAÇÃO», FAZ REVELAÇÕES SENSACIONAIS ACERCA DOS HOMENS E DOS CÃES



Um exemplar que vale milhares de francos, uma gaúininha italiana...

Monsieur Péricles, quando nos fizemos anunciar, ainda estava recolhido. Entretanto, não era tarde; acabavam de soar compassadas as dez horas da manhã, uma manhã úmida de inverno, lá fora, morna, suave, aprazível, no salão atapetado e discreto onde a criada nos introduzira.

— E a que horas estará Monsieur Péricles visível? — inquirimos.

A criada, em voz baixa, não fôsse Monsieur Péricles acordar, informou-nos:

— Ele tomou há um nadinha o leite e as torradas. É costume, sempre, pelas nove e meia tomar o pequeno almoço. As onze levanta-se, vai para o banho e faz a toilette. Ao meio dia almoça... Talvez depois de almoço...

Olhamos com resignação de jornalista o lindo relógio de sala onde as dez horas compassadas acabavam de soar, e resolvemos esperar. A criada lançou-nos um olhar piedoso e retirou-se deixando-nos sós.

Para encher o tempo, fomos examinando a sala: sob os nossos pés, abafando-nos os passos impacientes, uma ampla tapete de Smirna; nos cantos, cadeiras estofadas de grenat; mais longe, um *maple* estendia-nos seus braços acolhedores; pelas paredes, alguns óleos de preço. Um deles chamou-nos a atenção. Era um retrato, decerto o retrato de Monsieur Péricles,

retrato de gala, de grande laço pendente do pescoço e algumas medalhas, condecorações estranhas que muito o honravam.

Os minutos decorriam mansamente na atmosfera branda do salão. Não ecoavam ali dentro ecos do exterior. Assim isolados, dir-se-ia que a voz íntima do nosso espírito soava mais alto, e nós recebíamos que os nossos pensamentos acerca de Monsieur Péricles, demasiado atrevidos, se ouvissem do outro lado das paredes.

Já haviam batido as onze badaladas do meio dia e a porta por onde a criada se sumira não voltara a abrir-se. Chegamos a temer que nos tivessem esquecido e nos deixassem na eterna

Outra porta se abriu e, na nossa frente, sentado num tamborete azul, almofadado, Monsieur Péricles era, como diria certa senhora das nossas relações, um cão verdadeiramente encantador: pelo anelado e farto, indomável ao penteado, pernas curtas, narinas arrebentadas, olhos redondos, desconfiados, duas presas superiores, salientes e ameaçadoras, ao pescoço grande laço cor de rosa a bem dizer com o cinzento sujo do corpo. Um verdadeiro encanto!

— Que deseja? — voltou ele a inquirir, impaciente.

— Entrevistar V. Ex.^a — dissemos, por fim.

— Ah, o senhor é jornalista! — exclamou ele,



Uma ninhada de gatos siameses que vale uma fortuna avultada

contemplação do *maple* promissor e do retrato de Monsieur Péricles. Mas não, não nos tinham olvidado. A mesma criada surgiu e, franqueando-nos a passagem, convidou-nos:

— Queira fazer-me o obséquio...

Acorremos solícitos.

— Há-de perdoar a demora — ia-nos dizendo a serva, enquanto nos conduzia — mas Monsieur Péricles estava hoje insuportável. Rabujento como nunca...

torcendo a venta. Não o felicito pela profissão que escolheu. Os jornalistas não fazem senão asneiras. Mentem mais do que as mulheres enamoradas. Jornais, revistas, magazines, são o grande poço de mentiras para onde cada jornalista arremessa a sua peta. Os jornais deviam acabar...

— Perdão — interrompemos nós, humildes. Foi por intermédio da imprensa que nós soube-mos que V. Ex.^a era um dos maiores cães da Europa...

— Isso é verdade — rousnou o luxuoso bicho.

— O mais famoso...

— Sim... Sim...

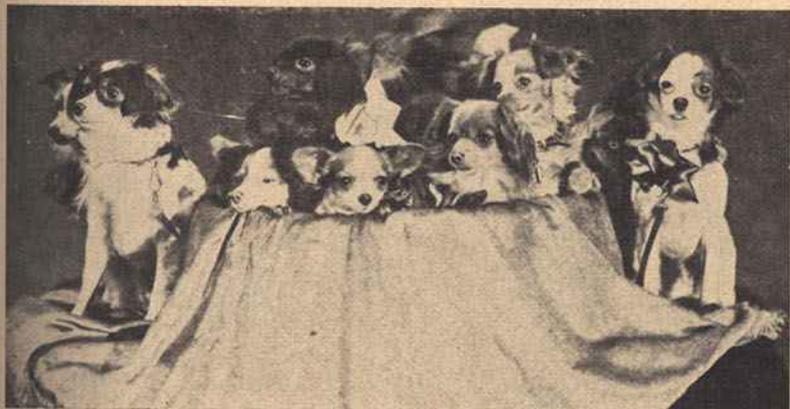
— O mais bonito...

— Realmente...

Monsieur Péricles passou gulosamente pela ponta do focinho a sua língua ágil e rosada. E como qualquer personagem importante que condescende em ser amável, superiormente amável, para o ignorado rabiscador que no dia seguinte, em parangonas fortes ao alto da gazeta assenta mais uma pedra do monumento que lhe erigirão um dia, Monsieur Péricles dispensou-nos um sorriso e murmurou:

— Os senhores jornalistas são levados do demônio... Sabem tudo, descobrem tudo... Pois se os senhores até descobriram que eu descendo de uma nobre e austera família da Alsácia.

Nós sabíamos, por acaso, que Péricles provinha — não da Grécia amena e clara, como os mais atilados poderiam supor — mas de uma família de rafeiros famintos, miseráveis, do



Oito exemplares caninos avaliados em um milhão e duzentos mil francos



Mrs. Burke com o seu gato siamês que ganhou o 1.º prêmio na Exposição de Philbeach Hall, de Londres...

norte de África. Omitimos este pormenor no nosso canhenho e apuramos o ouvido — Sua Excelência falava dos homens, ou melhor, do Homem.

— É uma raça inferior — afirmou ele, convicto. — Desconhece a verdadeira civilização. Há séculos que vem discutindo o problema da Vida e ainda não o resolveu. Dia a dia, mais o complica. Esfalha-se em estudos, em grandes obras de fomento — e esquece-se de que o seu labor o conduz sempre a um erro maior. A origem da infelicidade humana é o trabalho. O Trabalho é a cansaça, o desgosto, a servidão. Elimine-se o trabalho e o Homem será feliz.

E após um minuto de profunda meditação, foi dizendo:

— Há homens que levam uma verdadeira vida de cão, salvo seja. Quando a fome aperta, não encontram uma cãea, nem mesmo um osso para roer. Pelo inverno frio, não possuem um tecto amigo que os abrigue, nem uma enxerga dura que acolha seus corpos transidos. Os que tem filhos, assistem ao seu definhamento gradual sem lhes poderem valer. A sociedade humana está erigida de injustiças revoltantes.

Deteve-se um instante, como que a coordenar seus pensamentos e prosseguiu:

— É no entanto, esses mesmos homens que se guerreiam e perseguem são para conosco de uma solicitude enternecedora. Nós, os cães e os gatos também, embora não o mereçamos, somos os animais mais felizes da criação. Os nossos donos chegam a deixar de comer para nos dar. Os maus tratos que porventura nos inflinjam, pagam-nos na cadeia. Em todo o mundo civilizado Sociedades Protectoras empenham-se em transformar a nossa existência num Eden perfeito. Temos hospitais com todos os apetrechos, colónias de férias, teatros próprios, aposentos requintados. Somos disputados pelas pessoas distintas da sociedade e chegamos a valer fortunas.

Monsieur Péricles erguen-se do tamborete azul, ou melhor, saltou airoso — a cauda em pluma arqueada — abaixo do tamborete e conduziu-nos junto de uma mesa onde se via um grande album encadernado de vermelho e ouro.

Folheamo-lo, a seu convite. Perpassam ante os nossos olhos inúmeras fotografias de cães e gatos de todos os tamanhos e feitios. Uns, esguios, de pupila viva e focinho comprido; outros, baixos, atarracados, focinho achatado; aqui, galgos de longas pernas magras; ali, corpos arredondados pezando sobre débeis membros de aranha; acolá, montes informes de pêlo

encaracolado onde brilham apenas nus olhitos esportos.

— É o catálogo das celebridades mundiais — informou Monsieur Péricles.

E detendo-se ante uma fotografia:

— Vê esta senhora feia e este gato bonito? — inquiriu ele. — Ela é a Senhora Burke, e ele, o seu gato siamês que ganhou o primeiro prêmio numa exposição em Londres. Odeio os gatos, não compreendo a simpatia que a humanidade tem por um animal tão mal dotado de carácter... Os gatos siameses estão na moda. Olhe, aqui tem um grupo d'êles, bigodes façanhudos, à Clemenceau, todos contentes por tirarem o retrato... São de uma vaidade, estes gatos...

Teve Monsieur Péricles um gesto de desprezo e passou a página.

— E os gatos de Angora? — preguntámos nós, a medo.

O nosso amabilíssimo entrevistado franziu o sobrolho.

— Os gatos de Angora não existem — afirmou, categórico. — É um bluff. O senhor vá a Angora e tente encontrar algum. Angora não tem gatos. Os que existem por esse mundo com esse nome são fabricados em série por uma empresa alemã: *Angora Katzenfabrik*.

— Hum — fizemos nós, iludidos.

— Que linda! — exclamou Monsieur Péricles, de olho terno ante uma outra imagem do album.

— É uma cadela italiana. Repare no lustroso do pêlo, a sagacidade que se adivinha naquelas narinas, a esbelteza do corpo, o nervosismo das patas! Esta é, quanto a mim, o tipo de cadela ideal, cadela *fausse-maigre*.

Demorou ainda Monsieur Péricles um longo olhar pleno de ternura sobre a imagem querida e, por fim, num arremesso, voltou a página.

Voltou a página e recuou surpreso.

— É boa! — disse ele. — Desconhecia esta raça de cães.

— Mas são homens — elucidamos nós, examinando atentamente a fotografia.

— Sim, sim, são homens, efectivamente — confirmou o cão. — Porque demónio incluiria a minha dona, neste album de luxo, a fotografia de quatro homens mal prontos, barbas por fazer, expressões de angústia?

Nós não compreendíamos tampouco a razão da baralha. Foi, no entanto, Monsieur Péricles, sempre arguto, que tudo esclareceu.

— Estes — disse ele, assentando bem as palavras — são os homens que levam vida de cão.

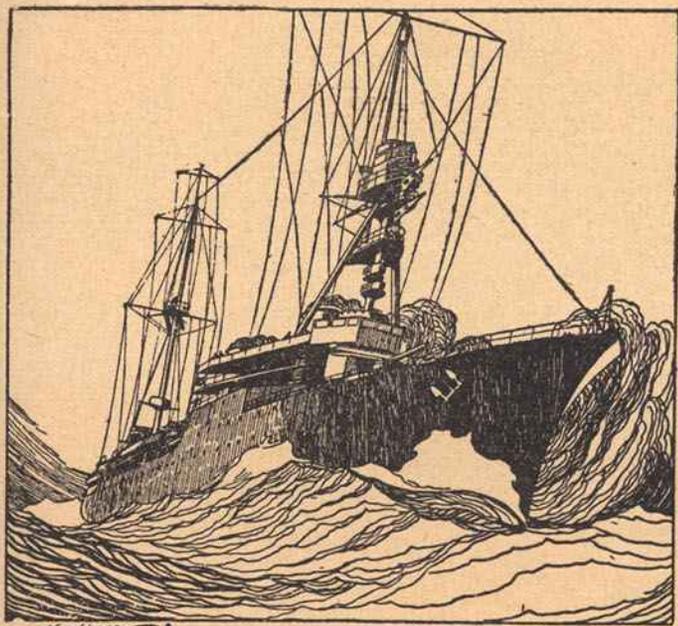
GUIDO RUIVO.



Os que nada valem e levam... vida de cão...

A CONFERENCIA NAVAL DE LONDRES

OS PRINCIPIOS... QUE
DEFENDE E OS FINS...
A QUE OBEDECE...



As abóbadas impenetráveis do histórico palácio de S. James, guardam avaramente no seu mutismo enervante, mas talvez necessário, as conversações dos delegados das cinco grandes potências navais, na assembleia a que se convençionou chamar Conferência Naval de Londres.

Muito se tem trabalhado, é certo, mas também não é menos verdadeiro, que poucos ou nenhuns frutos se têm recolhido.

Dois pontos porém conseguiram, pela sua importância e transcendência, chamar a atenção do mundo inteiro: a paridade naval anglo-norte-americana e a proposta para supressão dos submarinos idealizada pelos delegados americanos.

O partido trabalhista logo que conseguiu — com justiça — alcançar as cadeiras do poder, manifestou pela boca do sr. Mac Donald, o desejo de conseguir um acôrdo naval que permitisse a abertura de um caminho livre para a redução dos armamentos, começando por tentar uma aproximação com os Estados Unidos, a fim de se conseguir um acôrdo referente à paridade naval entre as duas maiores potências do orbe.

Para esse efeito deslocou-se Mac Donald a Washington onde se avistou com o presidente Hoover, resolvendo-se então reunir em 21 de Janeiro de 1930, na cidade de Londres, a Conferência Naval com a presença de representantes da Inglaterra e respectivos domínios, América do Norte, Japão, França e Itália.

Posta em discussão a idéa da paridade naval anglo-norte-americana, a Grã-Bretanha pela boca

de Mac Donald, primeiro ministro e presidente da sua delegação, afirmou claramente que acceitaria em principio tal proposta, concretizando porém desde logo, que para conseguir a paridade não reduziria a armada até regular o seu nível ao da norte-americana...

Os representantes dos Estados Unidos lembraram então logicamente, que dada aquela circunstância, poderia o seu país, aumentar a frota em mais 200.000 toneladas, o suficiente para conseguir a paridade em deslocamento global com a Inglaterra.

E assim de uma conferência para redução, nascera talvez um acréscimo considerável de tonelagem...

Surgiu depois a questão dos submarinos lançada pelos Estados Unidos.

A França soube marcar honrosamente a sua

posição por forma a merecer os aplausos de todas as potências secundárias.

Defendeu-se não só por interesse próprio, mas também pelo das pequenas nações cujas armas indispensáveis serão sempre o avião e o submarino.

A resposta dos delegados franceses é interessante pelo muito que encerra nestas poucas palavras:

1.º — O submarino é uma unidade naval como qualquer outra.

2.º — O submarino é uma arma de defesa, indispensável a todas as potências navais.

3.º — O emprego do submarino deve ser regulamentado tal como está feito para navios de outras classes.

A delegação afirmou ainda categoricamente:

1.º — Que não pode admitir a supressão dos submarinos.

2.º — Que está disposta a aceitar a regulamentação do emprego do submarino.

Parece-nos pois que a França abandonando a retórica, dispensável em actos, onde a voz simples mas concisa tem de se fazer ouvir, marcou em meia dúzia de palavras um lugar de justo relevo na Conferência Naval.

Esta porém, apesar de tudo, pode considerar-se fracassada. Os seus trabalhos morosos foram interrompidos pelas quedas sucessivas dos gabinetes franceses, Tardieu e Chantemps, crise agudíssima que a nobre nação atravessa e que o fino tacto político do sr. Doumergue não conseguiu resolver ainda, no momento em que escrevemos estas linhas.

No decorrer da Conferência Naval tem sido grande, talvez por uma coincidência, o movimento nos estaleiros de todo o mundo.

De uma forma geral podemos dizer que os



O Rei Jorge V pronunciando o discurso de abertura da Conferência Naval na Golden Gallery da Câmara dos Lords (Fotos Orris)

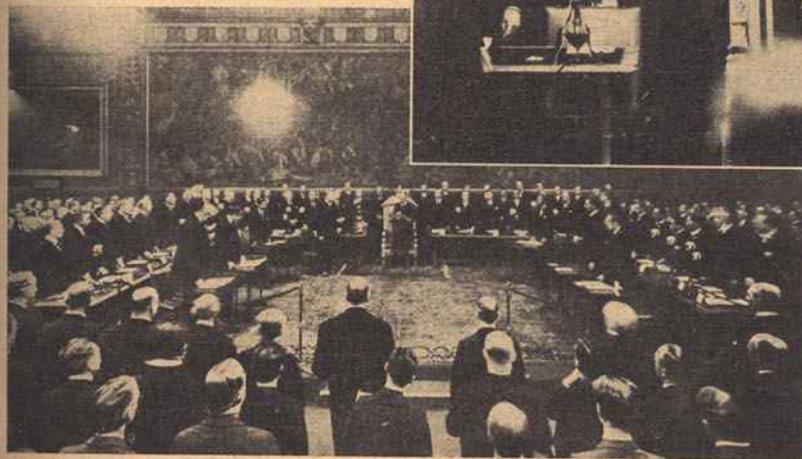
estaleiros do mundo trabalham neste momento com uma actividade muito superior à dos últimos anos.

E haverá ainda quem acredite nos intuitos pacifistas que animam as grandes potências?

Nós pelo menos incluimo-nos já na grande fileira dos descrentes.

MAURICIO DE OLIVEIRA.

EM BAIXO: — Aspecto solene da Royal Gallery da Câmara dos Lords por ocasião da abertura da Conferência Naval



À VOLTA DA "GIRL," DO METROPOLITANO

O MEU AMIGO X.—UMA «TOURNÉE» A EUROPA, PELA AVENIDA — O ROMANCE DUM ROMANCE—OS LEITORES CURIOSOS E O BANCO DA AVENIDA — SURPRESAS DUM FOLHETINISTA — O ALFINETE DE GRAVATA EM TROCA DA SALVAÇÃO DE UM PERSONAGEM FANTÁSTICO — O AUTÊNTICO HERÓI DUM ROMANCE DE IMAGINAÇÃO—O «TAXI 9207» E O SR. FÉLIX DO AMARAL — COMO NASCERAM OS ROMANCES MAIS CÉLEBRES — A VERDADE SOBRE A «GIRL»

...E o meu amigo X; que é o X dos amigos; o «Repórter X» dos que não são repórteres, ao ver-me lealdade o biombo de madeira que vela a futura estátua do Marquês, veio ao meu encontro, deu-me o braço direito, alongou o esquerdo como se fosse uma carabina, e fazendo com êle pontaria ao monumento dos Restauradores que, à distância, parecia espetado no céu, disse-me:

— Esta Avenida da Liberdade, a-pesar da pelintrice architectónica do casario que a margina, com as raras excepções de um ou outro palacete, com minaretes turcos ou com uma pepita de bom gosto no recorte geral — consegue oferecer, em certos dias da semana, aos espíritos imaginativos que queiram concluir o que está em meio a matéria prima para uma rápida e cómoda viagem através a Europa.

E com a imponência de quem está jorna-deando num expresso, impeliu-me a continuar o meu caminho, sem desalochetar o braço. Acostumado ao ilusionismo das imagens do meu amigo X, preparei-me para assistir a um desfile de ideias inéditas e de grande espectáculo.

— Há-de ser numa tarde como a de hoje — continuou êle — uma tarde em que o sol a tricomisa com tintas vivas e envernizadas; em que os autos se enfileiram, sem intervalos, e se cruzam orquestrando o «jazz» das grandes cidades com as suas buzinas e *klaxtons*; em que os figurinos da *Vogue* e de *Die Dame* passam, através do papel químico das modistas nacionais, ao papel *couché* dos corpos femininos... Nestas tardes a Avenida é para nós, os vagabundos da Europa, um album de postais ilustrados das nossas recordações — um manto enxadrezado com os retalhos de outros mantos sumptuosos que nós, viajando, vimos arrastar pelas grandes cidades. Mas para que a visão nos sugestione num realismo impressionante é preciso que o opiomano destas fantasias a desça pelos passeios centrais, sem cometer a imprudência de espreitar através do arvoredo, para os prédios que a muralham porque, do contrário, quebrava-se o encanto e caíamos num trombo de pesadelo do alto do sonho no mau gosto alfacinha.

«Ao sair da Rotunda evoca-se Castelhana e Recoletos de Madrid... Fixe-se naquelas cadeiras de ferro empilhadas, e descastelando-as, faça sentar as castiças burguesinhas, as severas «arabinas» e o respectivo namorico — assistindo ao *corso* aristocrático quotidiano... A seguir, quando a Rotunda se distancia e nós, de costas para ela, não podemos dar pela ausência das quatro pernas paquidérmicas do Arco do Triunfo, relembremo-nos dos Campos Elísios — quando os Campos Elísios se estreitam, aí pelas alturas do Claridge.

Depois, vem a zona das *fraulleins*, das ninhadas de petizes, dos ranchos das *trouinettes*, dos bebés louros, das criadas tocadas de branco: é tapar os ouvidos, não lhes escutar os desabafos em calão e deixar que os olhos a sobreponham à Avenue Marie Louise, de Bruxelas, passada a barulhenta Porte de Namüre e o estadal luminoso dos seus *restaurants* e dos seus palácios cinematográficos. Depois, ainda, quando a Avenida se anima e nós começamos a desempastelar a multidão longínqua e liliptiana formigando na Praça dos Restauradores, visiona-se Unter-dex-Linden, de Berlim — nas proximidades do cruzamento com Frederick Strasse, cujas embocaduras não se alcançam, felizmente, porque senão lá iam as ilusões estranguladas pelas embocaduras da Rua dos Condes e desse salto de sapato de côxo que é o elevador da Glória.

«As bichas dos «taxis» parados são mais longas agora e o asfalto, engomado pelos pneus, tem mais brilho... Esplanadas copadas pelas acácias... Uma ponte de ferro-brinquedo Mecano sobre um veio de água. Um Neptuno de pedra despeja, impassível, a sua inesgotável ânfora. Não levante muito os olhos... Estamos... Estamos...? Em Viena — à entrada do Park Kator. Falta, ao fundo, as portas monumentais encimadas pelas figuras simbólicas dos estados do antigo império... Por isso aconselho a não levantar muito os olhos. E por fim — por fim a Praça dos Restauradores, o prédio do Avenida Palace — repare bem o Avenida Palace, o princípio da Rua 1.º de Dezembro, a nega do Rossio, as fachadas dos cinemas e dos teatros... Mas volte as costas para o lado oriental... Não veja aquele prédio que transbordou para aqui da monotonia pombalina da Baixa... Conhece Londres? Lembra-se da desembocadura de Fleet Street...? Hein?»

Estacara, de braços anforados, e circunvagando a vista como um cicerone da Cook que busca aspectos novos na paisagem desconhecida pelo turista para lhe chamar a atenção.

— Que me diz você a esta *tournee* pelas capitais europeias? Viagem ultra-rápida, pois não; viagem século XXI, turismo T. S. F. E pensando um pouco mais a nossa imaginação e esticando igualmente o papel do cenário (não muito, para não se rasgar...), teríamos visitado o Park dos Cisnes, de Haia, a Avenue de Keyser, de Antuérpia, a Piazza della Borza, de Génova, a Via Piemonte, de Roma, a Königstrass, de Copenhague, e a Avenida da Independência, de Varsóvia...

E tornando a dar-nos o braço, o meu amigo X acrescentou:

— Mas isto é o monólogo frívolo preambulando o conflito central, a base do nosso encontro de hoje. Sim, meu caro amigo. Eu

saí de casa para o procurar fosse onde fosse. Quis o santo milagreiro que protege todos os meus caprichos inofensivos e literários que eu o encontrasse a dois passos da Rua Alexandre Herculano, onde você tem uma casa às suas ordens e às minhas e de toda a minha família. Mas onde se vê o dedo do tal santo-fada é que o nosso encontro foi onde devia ser, poupando o trabalho de o conduzir à Avenida — local-objectivo dos meus projectos, ao planejar investigar o seu paradeiro.

«Demos o passeio prólogo, sirandámos, fantasiámos, descrevi-lhe a passagem que convém no início dum romance, para integrar o leitor no ambiente onde se desenrola a acção; e agora chegou a sua vez de me entreter, de me regalar o meu espírito com uma guloseima do seu, em paga do quarto de hora que eu ajudei a passar... Vamos *al grano*...

Deixei-me arrastar, calcureando o caminho já percorrido; Avenida acima, a passo militar. E uma vez próximo ao coreto, mas já adentro do que êle designou ser o «bilhete postal» da Avenida Marie Louise, de Bruxelas, recomeçou:

— Sabe V., qual é o segredo desta minha lenga-lenga? O seu romance. Qual? São assim tantos, homem de Deus? A «Girl do Metropolitano», que termina no último número de «Ilustração». Você sabe que eu leio quasi todos os seus artigos — o que quasi não me deixa tempo para me coçar. Você é uma espécie de *linotype* com cérebro e alma! Quanto à sua obra novelesca — não abro excepção na minha indiferença pela literatura de enredo. Não a conheço. Foi minha mulher e umas amigas de minha mulher que discutindo esse seu folhetim, «A Girl do Metropolitano», me obrigaram a tomar conhecimento com o romance. E a discussão feminina, iniciada em redor da psicologia da heroína e do «sim» ou «não» do procedimento do galã — desaguou numa dúvida grave. Seria o assunto do folhetim produto exclusivo da sua imaginação ou a foto de um drama misencenado pela Vida Real? As opiniões dividiram-se, floretearam, num afogado de entusiasmo como se duma das hipóteses viesse o valor ou a nulidade da obra. Uma das senhoras garantia a falsidade do argumento, a transparência da técnica; as outras defendiam a verosimilhança do conflito; até que minha mulher rematou a polémica com uma ideia.

— O autor da obra termina por evocar o banco da Avenida onde está gravado o nome de Richard de Jesus que o pai da *girl* registou nas vesperas de ser preso e que o amante descobriu na madrugada da separação. Nada mais fácil de se comprovar se o romance é fictício ou se é real. Basta ir ao local determinado e ver se realmente está escrito no banco o nome do personagem. Fui eu nomeada pelo *Comité* das damas para essa missão policial-literária... Já ontem dei os primeiros passos... E pelo que ontem me sucedeu de espantoso é que hoje saí de casa com o objectivo firme de o procurar e de o trazer ao banco da Avenida.

Sorri-me, bem disposto. Não é raro este género de pitorescas conseqüências do interesse e da dúvida dos leitores, na vida dos romancistas. Até certo ponto delectam o escritor. Já uma vez tive uma «assídua» que me impôs, sob ameaça de nunca mais comprar



— E A CÂMINHAR NA AVENIDA — O romancista anda com o olhar de caçador, buscando um personagem...

— porque, encontrado o personagem está encontrado o romance...

livros meus, a salvação da protagonista dum folhetim que o *Janeiro* publicava então. E facto é que, por espírito comercial ou por condescendência descosi todo o capítulo final do romance para pôr um pequeno paraíso recompensador no cimo do Calvário da desventurosa heroína. Qual não foi o meu pasmo quando, dias depois, recebo a visita de uma dama que vinha agradecer-me a «minha boa acção». Saíra ela do meu gabinete havia um bom quarto de hora — quando dei por um pequeno embrulho em papel colorido. Desencartei o conteúdo e encontro um alfinete de gravata com um X em pequenas safiras, trespassando um bilhete de visita onde o nome e endereço estavam riscados, e onde se lia, em *patés-de-mouches* a seguinte dedicatória: «Eis o prémio de ter tido bom coração e dado um futuro risonho à pobre Aninhas».

Doutra vez, saindo no *Liberal* de Barcelona o romance «Los internacionales» — fui procurado no «Ateneo Catalão», onde passava as tardes, por um moço de olhar alucinado que me *proibia* de continuar a contracenar com o personagem Leon Pujol — um cavalheiro que, no folhetim praticava proezas magniavélicas — visto que quer a vizinhança, quer os camaradas de trabalho, quer a própria família e a própria noiva começavam a criar-lhe um ambiente de suspeita que o angustiava.

— Que tenho eu com isso ou que influência pode ter produzido o meu folhetim na sua mui desagradável situação? indaguei.

— Ainda o pergunta! exclamou o meu visitante com as faces afogueadas. Pois se o senhor não contente em recortar o facinora do seu romance pelo físico que Deus me deu ainda o baptizou com o meu nome — Leon — e applicou-lhe o apelido de meu pai, Pujol! E sempre gostava de saber quem foi que lhe disse que eu era quebrado e usava funda. Nem a funda da quebradura escapou à sua bisbilhotice, quando eu a tenho ocultado de todos!

Tremenda coincidência — mas coincidência apenas visto que ao frizar o personagem e ao

estudar o nome com que devia rotulá-lo ignorava em absoluto a existência dum cavalheiro chamado Leon Pujol, que correspondia fisicamente ao retrato que a minha pena, num *à la charge* de fantasia desenhara sobre o papel! Anos depois, estando eu no Pôrto e publicando em folhetins no *Primeiro de Janeiro* o romance policial «O Taxi 9297» — fui uma tarde beber o clássico café à «Brasileira». Na mesa ao lado estavam uns amigos a quem a minha presença provocara sorrisos intencionais. Como eu os interrompesse sobre o motivo dessa hilariedade, ilucidaram-me:

— Estávamos neste preciso momento a falar a seu respeito. Você, no folhetim que inicia hoje apresenta um personagem com o mesmo nome de um amigo nosso aqui presente.

Apresentaram-me ao sr. Félix do Amaral, pessoa muito culta e simpática, e antigo aluno da Escola de Arte de Representar, do curso de Joaquim Almada e Otelo de Carvalho. De facto, uma das principais figuras do «Taxi 9297» chamava-se Félix do Amaral e correspondia ao canalha do pior barro em que se moldou até hoje um ser humano,

embora, no primeiro capítulo — o único que se publicara ainda — ele se mascarasse sob as aparências da simpatia e da bondade.

— Ao ver hoje o meu nome no seu romance — disse-me o citado sr. Félix do Amaral — confesso que me impressionei. Mas estou convencido que se trata de um personagem decente... Vossa Excelência (Vossa Excelência era eu...) compreenderá que por muita *ficção* que seja um folhetim não me seria agradável ver o meu nome, aliás pouco vulgar, a etiquetar um bandidote... Prestava-se a confusões pouco amenas... Mas — repito — Vossa Excelência seria incapaz de usar o meu nome doutra forma...

Calculem agora os senhores a minha agonia tendo o folhetim completamente redigido e sendo o personagem Félix do Amaral irremediavelmente patife!

Habitado, pois, a estes incidentes, sorri-me ante a exposição do meu amigo X e predispoz-me a uma surpresa pitoresca.

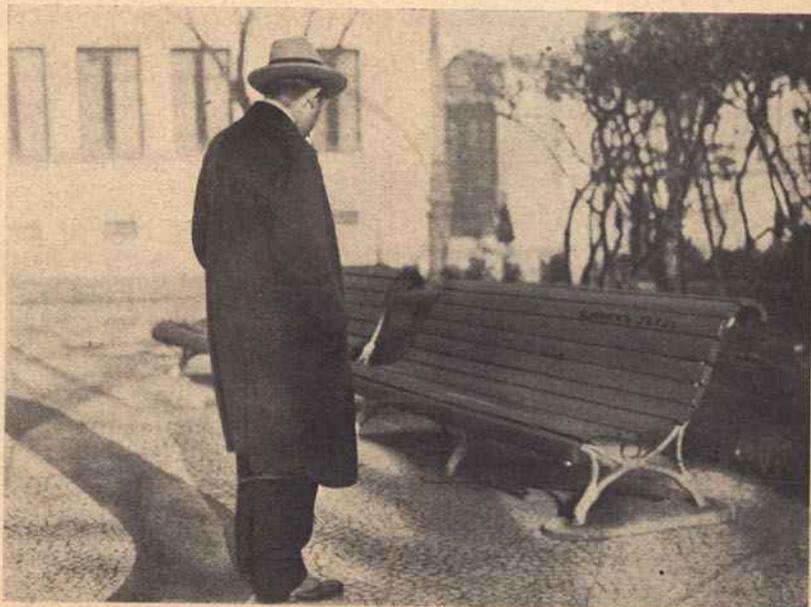
— Ao chegar à Avenida — prosseguiu o meu amigo X — acreei-me do coreto, como fiz agora, e comeci a contagem dos bancos para me orientar. Mas estaquei a meio do trabalho. Três senhoras de recorte parisiense, agrupadas em estilo de conjura e cochichando a meia voz, avançaram antes de mim e, curvando-se, examinaram o banco. Uma delas, armada de «lorgnon», soltou uma pequena exclamação; espetou a mão enluvada, indicando as costas do banco; esperou que as companheiras repetissem o exame e ficaram-se uns bons dez minutos numa atitude mística de oração.

«Conservaram-se ainda as citadas damas frente ao banco quando se avizinhou um novo grupo: dois franganotes acatitados ensandwichando um estudante de capa e batina. Fizeram logo alarde do objectivo do seu passeio.

«É aqui! — gritou um.

«Não é! É o segundo!

«As damas alarmaram-se com tal vizinhança e abalarão. Os estudantes estiveram em muda contemplação e partiram depois, em acalorados comentários. E quando julguei que tinha chegado a minha vez, apareceu



— E, EXAMINANDO O BANCO: — Quando o estranho transeunte partiu em correria, aproximei-me do banco, curioso por conhecer o motivo da sua exaltação.



EU A ESCREVER, SENTADO NO BANCO. — Estive até dia claro, a rabiscar o pequeno capítulo

uma gentil figura de mulher — com um *tailleur* escuro, luvas de canhão, um chapéu claro e uma pele de prego enroscada ao pescoço, ocultando-lhe meio rosto. Circunvagou a vista como se temesse ser observada... Hesitou em decidir-se — mas não em escolher o banco, como se o conhecesse já. Por fim sentou-se... Os seus olhos não procuraram o nome... Foram os seus dedos enluvados que o tactearam numa leveza de carícia voluptuosa. Quedou-se assim uns segundos — cuidando sempre em não desvelar o rosto... Como remate tirou um lenço, uma borboleta de rendas que rápida e discretamente enxugou os olhos — e partiu.

«Avancei logo para o banco e examinei-o... No primeiro momento julguei que V. tinha burlado a ingenuidade das suas leitoras... Nenhum vestígio encontrei do nome indicado na «*Girl do Metropolitano*». Por fim — adivinhei-o. E digo que o adivinhei porque um lápis o riscara nervosamente, como que para impedir que o vissem.

«Cumprida a minha missão, preparava-me para aliviar a novidade ao *comité* presidido por minha mulher, quando o banco vizinho me despertou a atenção. Nas costas de estreitas tábuas alguém riscara a canivete o nome de «Richard de Jesus». E no outro! E no outro ainda! Em todos os bancos estavam registadas as mesmas palavras. Vê com os teus próprios olhos...»

Aturdido com aquela inesperada informação — corri a comprová-la. Mas nova surpresa me aguardava: as três novas assinaturas de «Richard de Jesus» estavam riscadas como a primeira.

Sentamo-nos no banco e eu comecei:

— Já que me cruzei consigo a meio da sua missão, quero que V. leve ao *comité* de curiosidade feminina formado sobre a «*Girl do Metropolitano*» dados mais exactos sobre a realidade do tecido com que costurei o meu romance. Não lhe direi até onde começa a minha imaginação. Mas saiba V. e saibam as damas que V. representa que por muito imaginativo que seja um escritor e que por muito inverosímil que pareça uma novela existe sempre um pedaço de alma esquartejado da vida. E a «*Girl do Metropolitano*» não foge à regra.

Os leitores da *Ilustração* que querem certificar-se se, de facto, existe no banco da Avenida, o nome registado pelo pai da «*Girl do Metropolitano*»

«O Amor de Perdição» não nasceu da lenda trágica do tio de Camilo mas sim da evocação de Mariana — cópia literária da primeira mulher do romancista. O Eça gestionou-se do «Primo Basílio» uma tarde, ao ver entrar uma «Luís» por um sordido ninho de amor numa rua plebeia e encascada de sujidade. Blasco Ibañez escreveu «Cañas y Barro» sobre uma simples palestra que teve com um barqueiro de Albufeira. Jacinto Benavente sentiu global, completa a «Malquerida» — um domingo, numa terra de província, num olhar que uma enteada lançou ao padrao. «O Homem que Ri» nasceu no génio de Victor Hugo num cartaz de feira. Octavio Mirbeau fez *Le Calvaire* olhando para uma janela onde um velho chorava. E descendo para a leitura mais modesta — temos o popular Sherlock Holmes, professor de Conan Doyle na Universidade de Edimbourg; Arsenio Lupin, condiscipulo de Maurice Leblanc; Raffles, sócio do mesmo club de Honnung... O meu sistema é o da ausência total de sistemas. Toda a minhacontabilidade se resume numa agenda. Nessa agenda registo, amalgamadamente, tudo o que interessa à minha

vida profissional: impressões, encomendas de trabalho, obrigações a cumprir. Naquela madrugada, de regresso a casa, à hora do almoço, folheara a agenda e vira marcado para dois dias depois a entrega de um folheto para a *Ilustração*. Contra os meus hábitos subi a Avenida a pé. Os meus olhos, como os de um caçador, buscavam ansiosos o germen de um personagem — porque, encontrado o personagem, estava encontrado o romance. Alguém que caminhava à minha frente, de passo incerto, gesticulando sóinho, chamou a minha curiosidade. Vi-o deixar-se cair neste banco — e comecei a vigiá-lo discretamente mas com atenção. Notei de súbito que ele fóra atraído por qualquer signo anormal visto nas costas do próprio banco. Vi-o acender um fósforo, inquietar-se, piparotear o chapéu para a nuca, limpar o suor e debandar quasi numa correria. Deixei-o partir e aproximei-me do banco. Repeti a scena. Acendi também um fósforo. Li um nome: Richard de Jesus. Estava encontrado o personagem; o romance «A *Girl do Metropolitano*» nascera assim, espontaneamente. E logo que a luz me permitiu — rabisquei num *black-notes* o primeiro capítulo.

«A partir de então raro é o dia em que não passo por aqui e em que não rondo este banco, durante uns minutos. Há coisa de um mês comecei a notar as visitas da tal dama de *tailleur* negro e de rosto semi-oculto na pele de alto prego. Um dia, um descuido — e eu descobri-lhe o rosto. Reconheci-a; investiguei das razões da sua tristeza e das suas peregrinações a este banco da Avenida; e das suas carícias ao nome que nele escreveram. Ah! meu amigo! Que arrependido estou da minha precipitação. O verdadeiro romance, o romance real que gira em redor dessa dama de estilo parisiense e de Richard de Jesus é mil vezes mais imprevisito, emocionante e invulgar do que o do «*Girl do Metropolitano*»...

Levantámo-nos. Em redor do banco novos curiosos esperavam a nossa debandada para se certificarem se realmente existia um nome gravado pelo pai da «*Girl do Metropolitano*».

REPORTER X.



O PRIMEIRO FILME PORTUGUÊS

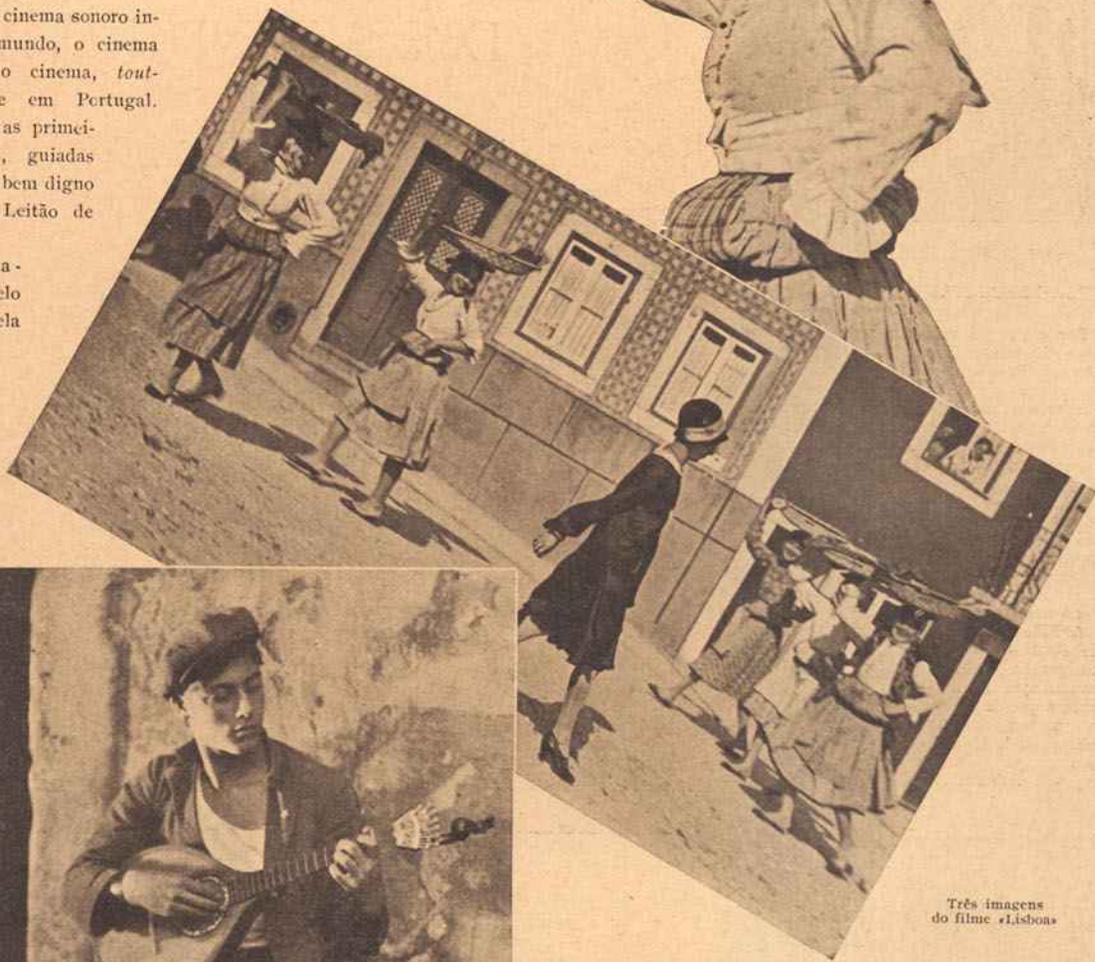
LISBOA

VISTA POR LEITÃO DE BARROS

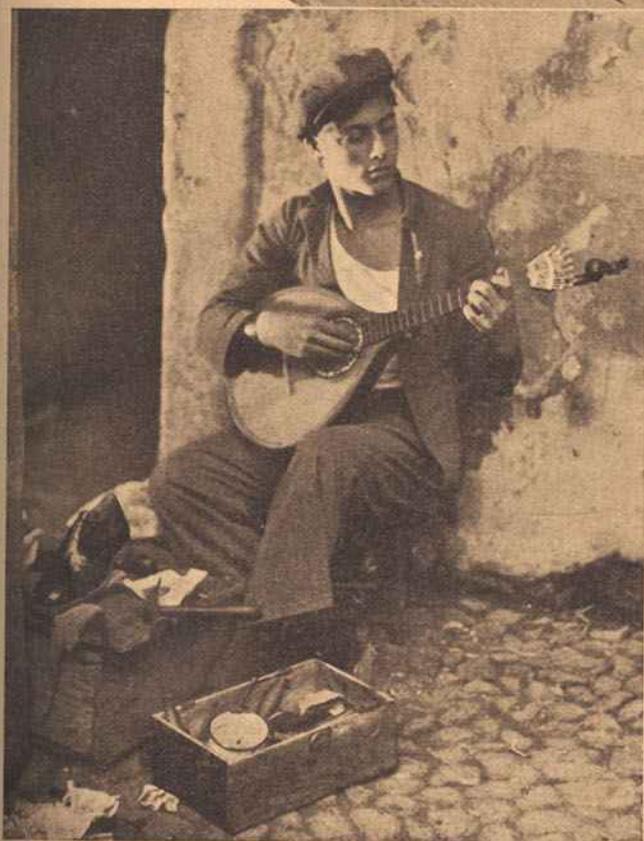
Agora que o cinema sonoro invade todo o mundo, o cinema silencioso — o cinema, *tout-court* alvorece em Portugal.

Registam-se as primeiras tentativas, guiadas por um artista bem digno desse nome: Leitão de Barros.

Apaixonado pela c6r, pelo movimento, pela



Três imagens do filme «Lisboa»



EDUARDO D6RES — O sapateiro que canta o «Fado»

vida rítmica de Lisboa, Leitão de Barros, pintor e jornalista, transformou-se facilmente num cineasta intenso e delicado. O seu filme *Lisboa* é uma grande aguarela animada, uma grande crónica animada, em que pintou e descreveu os aspectos estáticos e dinâmicos que mais o interessam nesta cidade sem par em que vivemos.

Em *Lisboa* passam varinas airosas, como figuras dum bailado, saloios hieráticos, costureiritas atrevidas, marinheiros dolentes a cantar o fado... — tipos eternos, muito nossos, que Leitão de Barros soube surpreender através da objectiva do aparelho de filmar, reais, flagrantes, vivendo a sua vida e embalando o seu sonho.

Lisboa é mais alguma coisa que um documento da nossa gente na nossa época. É um filme de t6das as épocas, um filme de t6da a gente, rico, colorido, luminoso — *Lisboa*, enfim. — F. L.



Torre do Paço de Beiral (Escadaria e torreão)

FUGA PRECIPITADA

Por mais que uma vez se disse já que não pode haver sequência lógica na enumeração destes velhos solares e monumentos. As dificuldades com que lutamos para descobrir as casas que vemos indicadas em livros — desconhecendo-as o povo quasi sempre, nunca as tendo visitado mesmo alguns dos que as citam em seus roteiros e tratados — por outro lado a distância a que ficam muitas de caminhos praticáveis, a péssima conservação, o deplorável aspecto de outras, não se prestando a reprodução fotográfica, tudo isso nos tem forçado a percorrer muitas vezes as mesmas estradas, avançando, retrocedendo, parando, hesitando, tendo este registro de ser feito por *flashes*, aos saltos, sem nexo nem ordem.

A Ribeira-Lima, e principalmente o concelho de Ponte — já o dissemos — é um alfolre de antigas casas, de velhos monumentos. Com a enumeração de hoje, fica nesta revista arquivado o que de melhor nele aparece. Muita coisa, porém, nos escapou ainda. Ou porque não tinha real valor histórico nem arquitectónico, ou porque chegou ao nosso conhecimento quando o regresso redundaria em incômodo e prejuizo.



Capela dos Tavoras

GRANDEZAS DE PORTUGAL PADRÕES DE NOBREZA PADRÕES DE TRABALHO DESPEDIDA DE PONTE-DO-LIMA

Quasi nenhum dos interessados — velho ou novo possuidor dessas casas — nos facilitou indicações. Exceptuando o sr. Conde de Aurora — que nos forneceu apontamentos escritos e brin-

tardias, muito depois de concluída a nossa excursão.

As críticas virão no fim, como é costume. Não faltará quem nos acuse de precipitados, pouco



Casa do Cardido (Vista geral)

don com o seu excelente livro «Roteiro da Ribeira-Lima» — dr. Artur Cardoso Pinto Osório, senhor da casa da Breia — que foi para nós um amável e incansável cicione — e dr. António de Magalhães, ilustre filho de Ponte do Lima e inteligente magistrado que acudiu ao nosso chamamento enviando-nos uma lista de solares, poucos mais se interessaram por esta reportagem gráfica, dispendiosa e desinteressada, que só porventura poderá ser útil aos possuidores das casas a que fazemos referência.

Nem a verdade, que não podem deixar de possuir, porque é inseparável do bemem, lhes acudiu o apetite de se tornarem conhecidos ou lhes despetrou o desejo de se mostrarem prestimosos.

Mais que uma falta de delicadeza, tão estranhável em tantos que ainda fazem tilintar os penduricalhos da sua linhagem, não constitui um deplorável sintoma, bem próprio da época que atravessamos: o abandono a que são votadas as nossas coisas, mesmo aquilo que nos pertence, que está em permanente contacto comoso.

E as próprias informações que nos prestaram — só nos referimos agora à gente da Ribeira-Lima — ou foram incompletas ou

escrupulosos, tendo deixado no esquecimento casas importantes. A censurar, própria dos que incapazes duma acção digna e dum gesto útil, não conseguirá incomodar-nos, por termos a consciência de cumprir, o melhor que nos foi possível, o dever que nos impuzemos.

A LENDA DOS DANÇARINOS

E seja o que for, haja o que houver, temos de fugir desta região. Não abandonaremos ainda de vez as margens do Lima, mas apenas, por agora, a principal terra que éle banha e que então com melhores galas.

Ponte-do-Lima é bonita, sem dívida, mas já começava a curar-nos a cabeça. Recordo o leitor sem dúvida, por a ter lido em relatos, uma curiosa lenda que o Padre Manuel Bernardes regista em sua «Nova Plectra».

No ano da salvação humana de 1012, num mais teno menos, quando imperava Henrique II, sucedeu na Saxónia este caso fantástico:

Enquanto um presbitero, por nome Ruperio, procurava celebrar os officios divinos, cá fora, no cemitério, um plebeu chamado Otiéro, com outros quinze companheiros e três mulheres,

danzando e cantando todos juntos, faziam notável ruído, distraindo a atenção do padre com o seu bailado.

Indignado e ardendo em zelo da honra divina

R certo que não gozamos das regalias dos dançarinos.

«Não comiam, não bebiam, não mostravam cansaço, não se lhes gastou o calçado, nem se



Casa do Cardido (Entrada principal e capela)

e do decêro que a seu ministério sacerdotal se devia, o terrível clérigo roçou-lhes tremenda praga, dizendo:

— Prava a Deus que um ano inteiro dançem sem parar.

«Logo estupeando, ainda sómente ouvido, quanto mais visto! A beca do sacerdote já disse, e a mão do omnipotente assim o executou. Amanheceu e amoteceu o seguinte dia e éles a bailar.

«Entrou a roda de novo ato, e éles sem silênc da mesma roda da sua dança.

«E assim um mês e outro mês; acudia a gente agitada com tão raro espectáculo: dançando os chuzas e dançando os deixava. Preguntavam-lhes uns uma coisa, e outros outra, e a nada respondiam ou atendiam. O seu destino, a sua tarefa, que continuavam com incessante diligência, era só andar à roda, uns atrás dos outros, seguindo aos que os guiavam, e todos instigados do aguilhão daquela praga do sacerdote.

Ora, francamente, pelas andanças em que sua rimos, por este concelho de Ponte-do-Lima, chegámos também a convencer-nos de que ramos vítimas de alguma praga.



Torre românica de Bravães (Porta principal)

mostrar a pedra em que éle deixou impressa uma das suas pégadas...

A COMENDA DE TAVORA

Da ponta-sul do concelho dos Arcos, daremos um salto, por Ponte-do-Lima, ao começo do concelho da Barra, descrevendo meia ellipse, à maneira dos cometas.

Desviando-nos um pouco da estrada que dos Arcos desce a Ponte, encontramos a Comenda de Tavora, na freguezia do mesmo nome. Topo-se primeiro, à direita do travesso, uma velha capela românica do século XII, tendo ainda outra capela tumular do século XIII. A primeira, com a designação de S. João Baptista, além do seu valor arquitectónico possui várias preciosidades, entre elas uma estátua da Virgem, em alabastro, de estilo gótico. A outra, consagrada a S. Tomé, é de menor valor, apresenta a curiosidade de possuir vários túmulos, alguns já mutilados e quiz em alfândilla, de forma trapezoidal, edificados agora fora da capela.

Em frente, há um portão que abre para a *Quinta da Comenda*, na posse da viúva e filhos de João de Brito Lima, há pouco tempo falecido. A casa é espaçosa e deve ter sido reedifi-



Torre românica de Bravães (Aspecto geral)



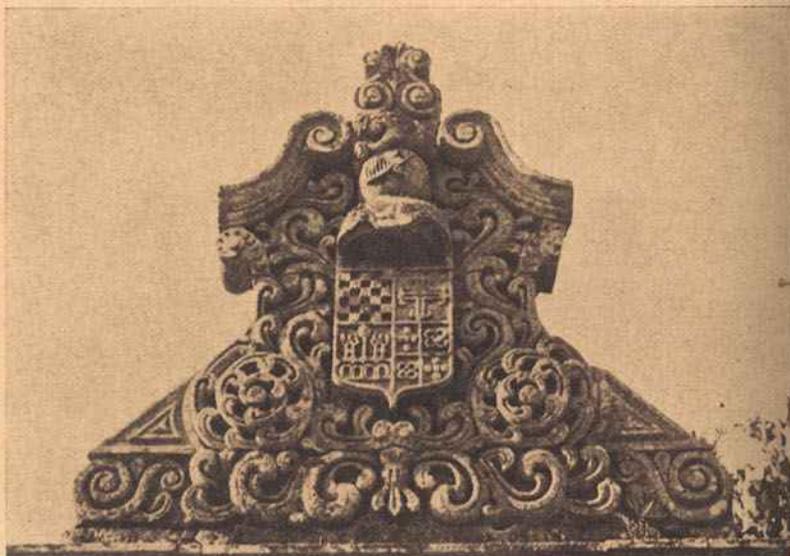
Casa da Quinta da Comenda

cada em fins do século XVI ou princípios do XVII, como o indica a data de 1604, sobre uma das portas, dominada pela cruz malteza, ao cimo da escada nobre. Era esta uma das mais importantes comendas das vinte e quatro que em Portugal estavam sujeitas à Ordem de Malta. A meio da fachada, há um braço — cinco vieiras em santor — provavelmente, como aventa o cônego Aguiar Barreiros, do comendador a que se refere uma lápide da fachada-sul, João Boto Pimentel, que «mandou fazer (reedificar) estas casas na era de 1604».

Havia nesta freguezia a lenda de que, «lavando as mãos na fonte de S. João, cheiravam mal, e daí a pouco cheiravam suavemente».

Os tempos dos verbos indicam a razão do dito. «Cheiravam mal», é claro, antes de serem lavadas, depois o mau cheiro desaparecia. E era por isso que o povo deveria dizer, mais em harmonia com a boa construção gramatical. «As mãos cheiravam mal e agora cheiram bem». A higiene faz realmente desses milagres.

É tradição que havia perto destes sítios um castelo que lóra solar dos Tavoras, tendo daqui saído os célebres irmãos D. Tedom e D. Rauesendo que no século XI (1037) conquistaram aos mouros várias terras de Trás-os-Montes e Beiras, dando o nome à terra e rio de Tavora em S. João da Pesqueira, sendo, portanto, os ascendentes daqueles Tavoras que o Marquês de Pombal tão ferozmente perseguiu e procurou exterminar.



Braço de armas da Casa do Cêto



Casa do Cardido (Pátio e varanda interior)

Tudo suposições, é claro, em que nada custa acreditar.

TERRA DE «MARIALVAS»

Fica bem neste lugar a reprodução duma curiosa página do *Roteiro da Ribeira-Lima* que o Conde de Aurora escreveu :

«Nesta corda limenha, por tôda esta alegre várzea que o sol e o Criador hafejam, terra de promessa da nossa Ribeira, solo mais rico, mais lindo e mais fecundo do nosso vale, um facto curioso se dá, quasi lendário. Nesta facha, entre Arcos e Ponte, banda Norte que do vento se abriga e do nascente se aquece, de todos os tempos surgiram cavaleiros destemidos e ousados, *marialvas* no popularizado sentido do vocábulo.

Desde históricos tempos a vila de Ponte foi berço de adextrados cavaleiros, e nas festas de Braga luziam, como nenhuns outros, os fidalgos daquela vila.

Mas nesta margem, e bem localizadas em curto espaço de território a meia dúzia de freguezias limitrofes, dá-se o caso nos últimos vinte anos. É ver, quando atravessa as ruas de qualquer destes povoados, o sr. João de Brito, da Comenda, guiando o trote rasgado da sua parelha de peninsulares fogosos. A sua mão de rélea segura, o seu porte altivo e senhoril, mas afável e popular como poucos. É instantâneo que a retina de todos nós olvida difficilmente. É

o conde de Santa Eulália, outra lendária figura da nossa Ribeira, — o escultor fidalgo — milionário, conduzindo a quatro sóltas, caminho das Feiras da Agonia. À frente, abrindo caminho, um criado galopa uma *charrette* tirada por quatro garranos a par. Já seu pai, o fidalgo da linda casa da *Bou-Vista*, era homem de cavalos, deixando tradições de marialvices e façanhas. É D. Telmo de Menezes Montenegro — fidalgo da melhor linhagem de Portugal e Galiza, que só o nome vale uma página de nobiliário — piaçando nas feiras os seus garbios corceis com que alternou à cabeça dos toiros com o grande Morgado de Covas (o melhor profissional português do principio deste século), outro também da margem de cá, das bandas de Coura, que veio casar e morar para a nossa ribeira do Lima.

É Abel Osório... É o fidalgo moço, temerário e popular, D. Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes da Silveira, o simpático castelão do *Cardido*...

Entre os citados, dois pelo menos já faleceram: João de Brito Lima, bizarro tipo de fidalgo hospitaleiro, que em certos momentos parecia querer pôr à disposição dos seus hospedes tudo que possuía em casa, desde os vinhos aos serviçais, e o escultor Queirós Ribeiro,

Conde de Santa Bulália, de cuja casa da *Boa-Vista* já falámos, irmão do poeta do mesmo nome também falecido.

A CASA DO CARDIDO

O último dos *marialvas* em que fala o sr. Conde de Aurora é hoje o senhor da *Casa do Cardido*, antigo solar dos Silveiras, que assenta num formoso local, dominando todo o vale, rodeada por uma paisagem maravilhosa. Flaqueando o soberbo portal de entrada, vê-se a capela de S. Frutuoso, falada já nas velhas crónicas locais.

Esta casa atravessou em tempos grave crise, motivada principalmente por demandas, sendo restaurada pelo general Sebastião Lopes de Calheiros e Menezes, casado com D. Emília da Silveira.

«Situação invejável de solar minhoto: Todo o ano a alegre verdura limiana o rodeia e embala — e nem há monotonia, que são sempre diferentes, como as sete notas do violino dum virtuose mágico, as policordicas plangências da paisagem nossa» (Conde de Aurora).

OUTROS SOLARES E MONUMENTOS

Desandando por Ponte do Lima, atravessamos rapidamente os campos que o rio, nesta época, traz quasi sempre inundados e entremos, pela



Torre do Paço do Beiral (Aspecto geral)



Casa dos Abades

margem esquerda, na estrada da Ponte da Barca.

Logo à saída da rua do Arrabalde, encontramos, à esquerda, a *paroquia de S. João da Ribeira*, com evidentes restos românicos. Soberbo panorama sobre o rio.

Mais adiante, na freguezia de Beiral, algumas interessantes casas solarengas. Destacando-se entre todas, a da *Torre do Paço de Beiral*, dos Sás, Britos, Amorins e Dantas, com sua torre elegante, vasta e majestosa escadaria. Foi fundada por Sebastião de Brito e Sousa e reconstruída no século XVIII por João de Amorim. Perto, sobre um rústico portal, avulta o braço da *Casa do Colo*, dos Sás Pereiras Malheiros e Sousas. Quasi ao lado desta, a *Casa dos Abades*, de Paços Figueiróas.

Esta família possuiu também uma casa nobre em Vianna do Castelo. Os últimos representantes, não tendo descendência, doaram-na ao conselheiro Barreto Pimentel, que foi um magistrado ilustre e político de valor. Por sua morte, legou-a à sr.^a D. Maria Rita de Magalhães de Abreu Coutinho, a quem hoje pertence.

Falamos de muitos outros solares ao longo desta margem. Alguns dos que visitámos nada tem que os destaque.

E o ar torna-se espesso. Alargando a vista, dum e doutro lado, tudo nos parece já igual, monotono, incaracterístico. As montanhas tapam

o horizonte. Abafa-se. E o *Chrysler*, como fugindo também a um pesadelo, arranca violentamente.

Mas nova paragem. À esquerda destaca-se, envolvida num halo do passado, a igreja românica de S. Salvador de Bravães. Houve aqui um mosteiro de Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, fundado por D. Vasco Nunes de Bravães, rico-homem e uma das principais pessoas da corte de el-rei D. Afonso VI, segundo reza a «*Corografia Portuguesa*». A igreja é muito antiga, remontando-a alguns ao século onze. É um belo exemplar de estilo românico e ainda se encontra em razoável estado de conservação.

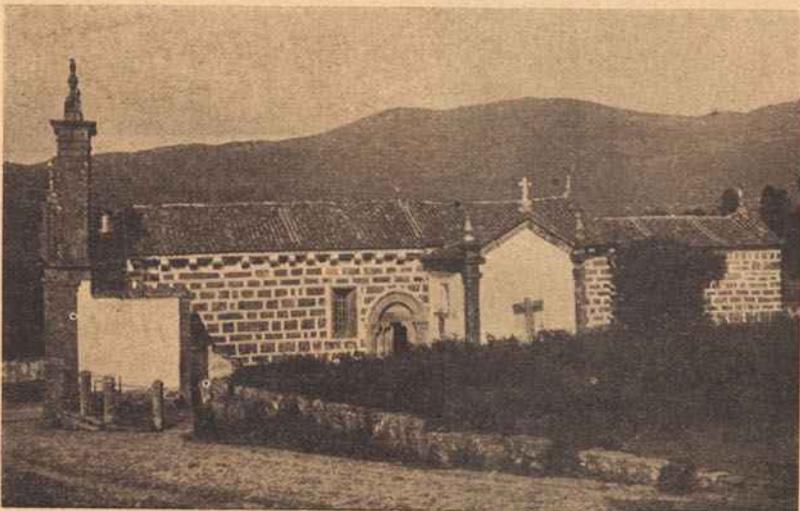
Mas Ponte da Barca acena-nos de perto.

U!... Já era tempo de respirar novos ares...

GUEDES DE AMORIM,
SOUSA MARTINS.

(Fotor Alvaro Martins)

A reportagem literária e fotográfica
para a secção
«GRANDEZAS DE PORTUGAL»
é feita em automóvel CHRYSLER
de que é representante em nosso país a firma
A. BEAUVALET
1 LISBOA - Rua 1.^a e Dezembro, 137
PORTO - Rua de Santa Catarina, 73



Igreja românica de S. João da Ribeira

MUSEUS DE MADRID

ALGUNS QUADROS DO MUSEU DE ARTE MODERNA

EM QUE SE FALA DOS AMORES DE D. FRANCISCO DE GOYA Y LUCIENTES... — VICENTE LOPEZ, EDUARDO ROSALES, ANTONIO GISBERT

Com ser bem edificante em factos de ilimitada grandeza a História de Espanha—a história das suas conquistas e dos seus descobrimentos—sobrepõem-se sem dúvida, em função civilizadora, os exemplos de beleza, de espírito e de eterna graça que a His-

tória das suas Artes e das suas Letras nos oferece através dos séculos. Das primeiras, é Madrid um repositório de riquíssima documentação. Pelos seus palácios e pelas suas igrejas, pelos seus museus e pelas suas academias, encontram-se abundantes testemu-

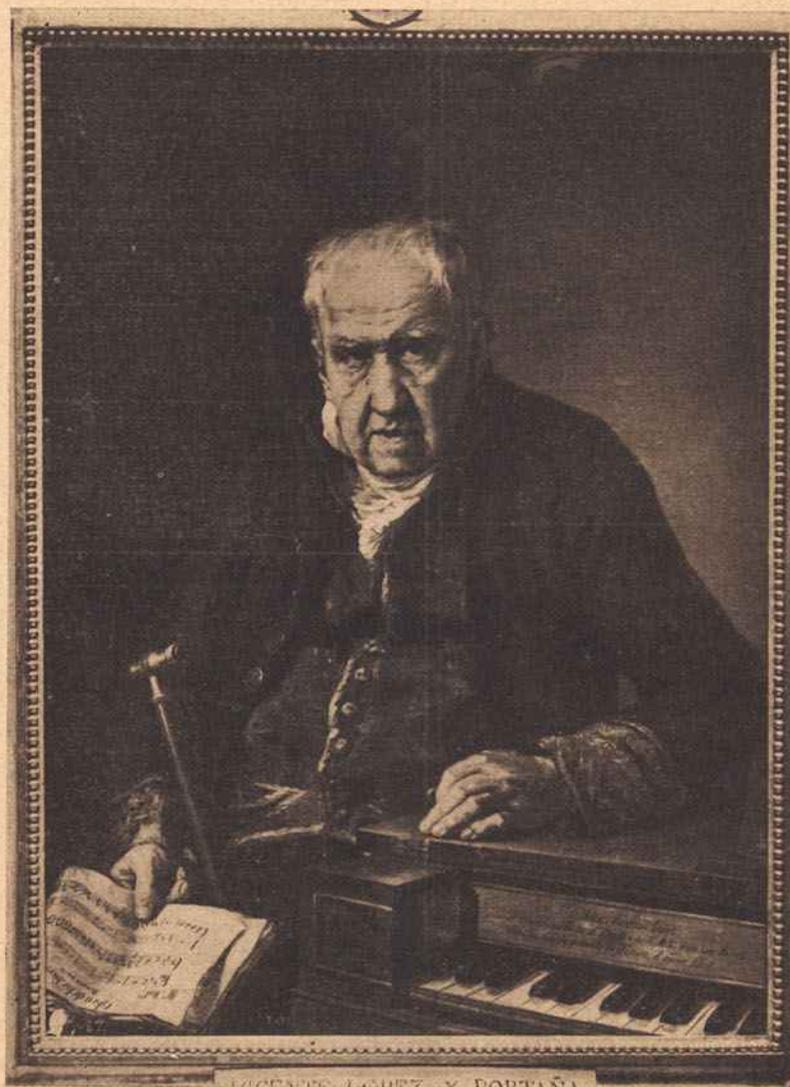
nhos de altíssimo valor que mostram o quanto tem sido rigoroso e fecundo em manifestações artísticas o génio deste povo. E ainda hoje se conserva em todo o seu prestígio esta nobre tradição. Sólidas provas garantem-nos dia a dia a sua continuidade harmónica e bem representativa das suas magnificas virtudes.

Com o sentido da cor como nenhuma outra—dramatismo, luminosidade, penetração nas coisas e nas almas—tem produzido esta raça os melhores pintores da humanidade. Velasquez, o maior caso de pintura que os tempos acusam, a ela pertence. No Prado, no célebre Prado, onde há uma vastíssima colecção de pintura universal desde os primitivos tempos até aos princípios do século pretérito, passando por todas as escolas italianas, pela flaménica, pela holandesa, pela alemã, com os melhores nomes e os melhores quadros de cada uma das épocas, os pintores espanhóis competem gallardamente com os Rúbens, com os Ticiano, com os Van Dyck, com os Rembrandt, com os Correggio, com os Rafael, com os Vinci, etc.

Após o Prado, vem o Museu de Arte Moderna, onde os valores estrangeiros são escasos e de pouca monta, mas que tem a representação completa da pintura nacional, desde Goya até aos nossos dias. Oferecemos hoje aos nossos leitores algumas reproduções desse valiosíssimo Museu, que nos dão ensejo para falar dos pintores mais representativos dos princípios e meados do século passado, deixando para um outro artigo a obra ali exposta pertencente a artistas mais modernos.

Foi Francisco de Goya y Lucientes homem de forte envergadura, violento nas suas paixões, mal humorado por vezes, de aguda penetração e finíssima sensibilidade. Aragonês de nascimento, a sua obra tem o cunho da sua raça: energia e afirmação viril. Apesar disso, há nos seus quadros notas de tão extrema delicadeza que nenhum outro pintor ainda conseguiu realizar. Ele forma com Nuno Gonçalves, El Greco e Velasquez o quarto expoente máximo, em ordem de tempo, do génio pictórico da península ibérica. Obra vastíssima a sua, porque não cessou de pintar enquanto viveu e tocou todos os géneros de pintura: costumes, paisagem, retrato, temas alegóricos, motivos históricos, etc. Mas embora a tudo houvesse levado o poder do seu génio, é sem duvida como retratista que as suas qualidades se afirmam com maior vigor e eterna consistência.

Encontram-se no Museu do Prado os seus



Vicente Lopez y Portaña — O músico Lopez

quadros principais. Santo Antonio de la Florida e S. Francisco El Grande guardam os seus frescos maravilhosos. E na Academia de S. Fernando há uma esplêndida colecção de obras suas, algumas das mais importantes, como o retrato de Godoy, o da famosa Tirana e um dos seus melhores auto-retratos. Também no Museu de Arte Moderna existe um quadro seu: — é essa Rainha D. Maria Luísa, onde ainda a crítica quer ver uma vaga sugestão de D. Diego Velasquez da Silva.

Era a esposa augusta de Carlos IV agressiva de porte e desmedida de orgulho. Da sua fealdade, o humor cáustico do artista fala-nos impiedosamente tantas vezes quantas lhe foi dada a oportunidade de a retratar, que não foram poucas. Do seu coração... que podemos nós dizer do seu coração? Que falem antes as lendas do povo, que lhe atribuem insólitas traquinices e cálidas temperaturas tropicais. Bem falados são os ciúmes... Mas tudo isto virá a seu tempo.

Galante e perito em jogos de amor, Goya andou muito nas bocas dos bisbilhoteiros da época. Surpreendido por emboscadas nocturnas e levado ao campo da honra, quantas vezes o nosso simpático aragonês não se viu em transe de perder a pele!...

Brilhava nesse tempo na corte madrileña a formosa senhora D. Maria del Vilar Teresa Cayetana de Silva y Alvarez de Toledo, Duquesa de Alba, mulher de espírito inquieto, de inteligência ampla e encantos sem par, de quem nos diz um tal Marquês de Langle, de nacionalidade francesa, num livro de impressões de viagem por Espanha: «*chcia de encantos e indiscutivelmente formosa, a Duquesa é um prodígio. No Prado, no Retiro, nas Igrejas, onde quer que se encontre, todo o mundo corre atrás dela, só ela se vê. E todo o mundo assoma à janela quando ela passa, e até os pequenotes deixam de brincar para a ver melhor.*»

Goya, pintor de arte, temperamento impressionante e afectivo, não podia ser indiferente à gentil Duquesinha de Alba. E bem falados são os ciúmes que, por sua causa, sofreu a travessa Soberana ao saber como tantas prendas e tão alta formosura atraíam o mágico pincel do artista seu favorito.

Conta-se até... Demos ouvidos, para amenizar o relato, às más línguas do tempo. O leitor conhece decerto as famosas Majas de Goya. Pois se alguma vez lhe foi dado o deleite de admirar alguns dos belos retratos da deliciosa Duquesa feitos pelo pintor, concordará connosco que a parecença é flagrante. E há quem diga que foi ela o modelo ante o qual D. Francisco deu vida a essas Majas imortais. Seria? Que importa isso para a Arte! O certo é que, tratando-se de dama de tão alta estirpe e de pintor tão avezado nas manhas de Cúpidio, não é de estranhar que o primeiro a ser pintado fôsse o da Maja vestida. Um homem previdente e que caminha sobre o seguro, começa sempre pelo princípio... A tom, com um rosto de feições correctas, sugestiva beleza e insinuante simpatia, sedas de atraente colorido e diáfanas rendas. Conta-se até, dizíamos nós, que D. Maria Luísa, a pobre Rainha feia, fortemente picada de ciúmes, ao ver o quadro pintado por Goya, não pôde calar o despeito — mulher, enfim! — e disse, não ocultando ao artista uma pontinha de rancor:

— *Hermosa de verdade!* Não admira. Como a vestiste tão bem...

Dai que o soberbo pintor, zeloso da sua dama e cruel com a Soberana altiva, lhe apresentasse dias mais tarde a *Maja desnuda* — um corpo dumha infinita harmonia, todos os gritos da carne tornados sinfonia maravilhosa ao calor da Arte — não fôsem as ricas



Francisco de Goya y Lucientes — A Rainha Dona Maria Luísa

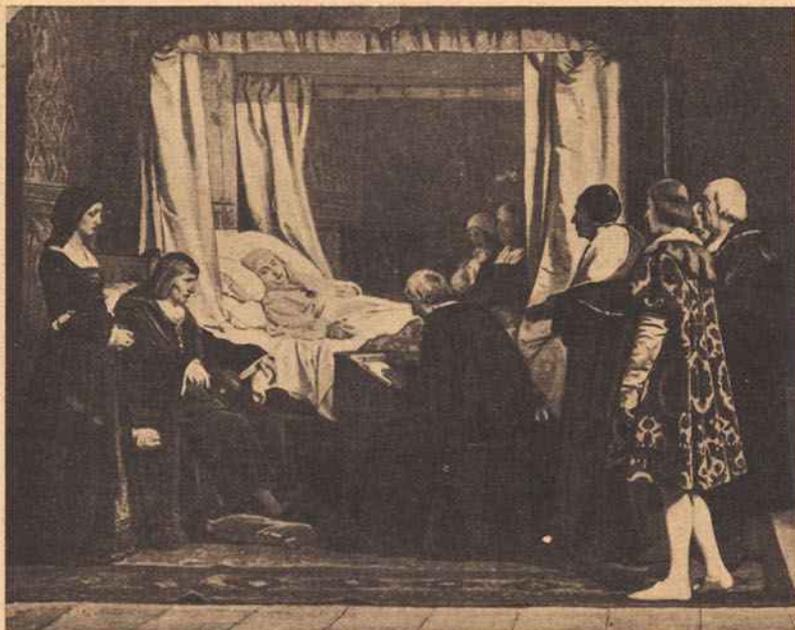
vestes da *Maja vestida* arear com as culpas que não tinham.

Segue-se a Goya, Vicente Lopez y Vertena, o conhecido retratista valenciano, por quem o autor de *La Tauromaquia* sentiu viva admiração, a-pesar do abismo que os separava. Porque será que um homem de génio admira geralmente as limitações dos outros? Talvez pela sedução dos contrastes. Incapaz de detenças, de pormenores, de jogos de paciência, de tudo aquilo que possa interromper os seus vãos de água, considera-as como virtudes ou altas qualidades que caem fora do seu âmbito de acção. Representam, para elle, realmente uma impossibilidade, e os impossíveis oferecem sempre atracção irresistível.

Foi, no entanto, Vicente Lopez um apreciável retratista, dos melhores do seu tempo,

o que lhe valeu ser nomeado pintor de câmara na corte de Fernando VII. Por uma conscienciosa observação, que nunca passou de objectiva, pôde substituir os dotes de pintor de génio que caracterizaram os mestres da sua Arte. Embora a vulgaridade do colorido se ressentisse dos defeitos da época, os seus retratos são fidelíssimos de parecido e correctos de desenho. Há, porém, na sua obra uma excepção a fazer, que o redime em grande parte, aos olhos da crítica mais severa: o excelente retrato de Goya, formidável de essência psicológica, que é uma das obras primas da pintura espanhola do último século.

Outro dos pintores notavelmente representados neste Museu é Eduardo Rosales. A-pesar de ter falecido ainda muito novo, aos 37 anos de idade, em 1873, a obra que nos



E. Rosales — O testamento de Isabel, a Católica

legou, no seu conjunto, destaca-o como um dos valores mais consideráveis adentro do período que se inicia com a morte de Goya até aos pintores dos nossos dias. Colorista de excepcional perícia, a frescura das suas cores, que manejou magistralmente, ainda se conserva pujante e nobre, afrontando, com dignidade, os gostos dos novos tempos. Concebia os seus quadros com singular amplitude e a facilidade na execução corresponde

sem o menor esforço à espontaneidade do pensamento. Afasta-se a sua técnica da pintura de pormenor que caracteriza a época em que viveu. Os que veem nisso um defeito bastou-lhes saber que o autor de *O Testamento de Isabel a Católica* tinha uma miopia bastante agravada para atribuírem comodamente tal circunstância a doença de vista. E dizemos comodamente porque o discorrer em alguns casos faz suar...

Dá-se com Rosales o mesmo caso de El Greco, que tanto tem dado que falar a artistas e leigos. O que está fora de dúvida é que nem a medicina, nem a química, nem a geometria são ciências reconhecidas no Mundo da Arte. De resto, esse maravilhoso e complexo mundo tem os seus dogmas como qualquer outro. Ou a gente crê cegamente neles e compreende tudo; ou a gente não crê e não há esforço humano nem alarde de sábio que nos faça compreender. Assim, a maneira de pintar em Rosales, grandiosa e ampla, longe de ser um defeito, é a expressão honrada duma sinceridade e a força criadora dum génio.

Antonio Gisbert nasceu em 1825 e faleceu em 1902, vivendo, portanto, num período em que a Espanha esteve constantemente agitada por lutas civis e convulsões políticas. Alma de generosa compreensão, temperamento profundamente romântico, chegando por vezes ao dramático e ao trágico, reunia condições excepcionais para a pintura de género histórico. As suas concepções, de execução rigorosa e enérgica, são todas elas repassadas de calor emotivo. Encontra-se no Museu de Arte Moderna um dos seus quadros mais conhecidos: *O Fusilamento de Torrijos e dos seus companheiros*. Evoca esta tela um episódio impressionante de lealdade e de consciência cívica, que merecê ser meditado nos tempos que correm. Como o pintor no-los apresenta, impávidos, nobres, arrogantes, magníficos de prestígio e de dignidade humana, foram estes heróis à morte porque a preferiram a vilezas de mau sangue ou a claudicações de infimo carácter. Prodigioso de execução, é emocionante de dramatismo, perpassa por este quadro um alento de rebeldia que lhe dá o valor das coisas vivas.

NOVAIS TEIXEIRA.



Antonio Gisbert — O Fusilamento de Torrijos

Realizava-se há bastantes anos em Faro, e ignoro se se realizará ainda, mas talvez desprestigiada, despida do poético encanto que a caracterizava, um procissão originalíssima e linda, de que me recordei com saudade.

Era eu tamaninha; mas lembro-me perfeitamente do alvorôço que se fazia por toda a cidade, e em todas as casas onde havia crianças, na véspera do S. Sebastião.

Logo pela manhãzinha entrava a sineta da ermida a tintinar alegremente; e um halo de festa se esparzia pelo ar.

A procissão saía à noite, no meio de uma algazarra vivíssima como só algarvios são capazes de a fazer, ao estrealjar dos foguetes e ao san-



a procissão de S. Sebastião

serpentes coleantes de luz — a das tochas que cada irmão transportava.

Adiante do andor alguns padres cantolavam o seu latim; e no sagrado cumprimento de votos feitos, mulheres e crianças seguiam devota e pausadamente. Essas mulheres que acompanhavam o santo por espírito de devoção, repetiam vezes sem

seu pé, — mas muitas, muitas, muitas! — segurando com as mãosinhas trémulas de legria as suas tochas flamejantes e multicores. As tochas!... Havia-as azuis, vermelhas, cor-de-rosa, variando em cambiantes até ao infinito. As mais vulgares, feitas de papel almasso branco, que se guarnecia pela parte de fóra com uma tira de papel de seda de qualquer cor, recortada em caprichosos arabestos, estrélas e abertos de mil feitios, com seu côto de estearina a arder lá dentro, aparelhavam-se aos pares, às dúzias em cada família, consoante o número de crianças que havia em casa ou dos presentes que se queria fazer. As mais artísticas ostentavam-se nas janelas das casas, ricas que pareciam todas brilhantes de luminárias, enquadrando bustozitos adoráveis, carinhãs fortíssimas e sorridentes, sobre o que a chama irizal incidia, emprestando-lhe um colorido resplandecente.

Ali se via no caprichoso jeito de cada tocha, tudo quanto a fantasia e a arte àquela acaso podiam apropriar: — umas arremendando navios, torres, castelos... outras pintadas, figurando flôres — e tantas, tantas, que não podiam ver-se todas, — estas eclipsadas por aquelas!

Algumas crianças mais pobrezinhas improvisavam tochas como a casca de uma laranja, a que tiravam paciente e engenhosamente os gomos, depois de lhe cortarem uma rodela pela banda do pedúnculo. Por meio de um pingo de estearina adrede entornados, fixavam-lhe dentro o coto respectivo... — e podem crer que não era feio ver-se aquelas laranjinhas luminosas, movendo-se como que por encanto em meio do préstito auri-fulgente.

Estão vendo — não é verdade? — sem que se aperceba de longe quem as conduz, essas luzes de mil cores, numa extensão de muitíssimos metros e a toda a largura de uma rua, ondulantes e feéricas...

A procissão de S. Sebastião não se contundia com qualquer outra e tinha bem o seu tique original. O santo pernoitava na Sé, e no dia seguinte, pela manhã, regressava à sua ermida, por entre os repiques de sinos e enquanto o orgão da Sé reboava pelas naves, formidavelmente.

Que saudade! Que saudade!...

MARILIA VIOLETA.



greto clarão dos archotes, feitos de corda de esparto, alcatroada, e empunhados pelo rapazio.

Se o dia tinha corrido bem para os pescadores, se as rédes tinham arrastado muita sardinha, da que chamavam de *passagem*, porque era no tempo em que a sardinha passa de uns sítios para outros, a desovar, Eles davam também o seu contingente de entusiasmo para a festa. E lá se lembrava um de exclamar:

— Vivó batel do mestre Francisco Lopes!

Respondiam os outros e o rapazio em grita:

— Vivóóó!

Outro:

— Vivó caldo do mestre Nestório!

— Vivóóó!

— Vivó mártel S. Sebastião com'ma laranjinha na mão!

— Vivóóó!

Pode-se por aqui avaliar o alarido.

Seguia a irmandade do S. Sebastião com suas opas escarlates e a das Almas com opas brancas, que se destacavam na escuridão como duas

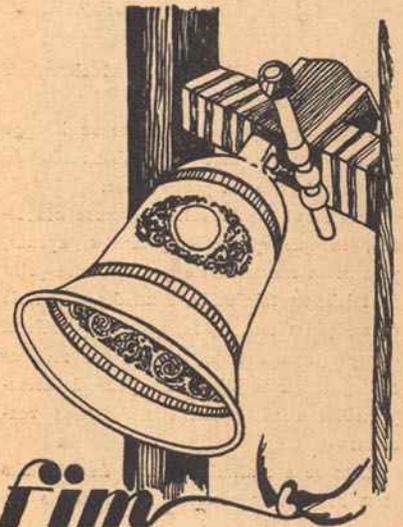
conto durante o percurso, esta prece ingénua e singelíssima:

S. Sebastião santo,
Santo milagroso,
Livrai-nos da peste, fome e guerra,
E de mal contagioso. P. N. — A. M.

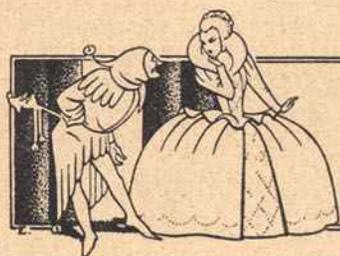
As vezes algum gracejador — que sempre os há, a lançarem uma nota discordante sobre o que é de sua natureza harmónico e honesto — lá conseguia meter-se pr entre o mulhérico para falsatear *amen* no fim da oração.

Elas, já se vê, desadoravam a brincadeira, e não raro esquéciam a compostura devida á solenidade ocasional, mimoseando o atrevido com os doctos mais pungentes...

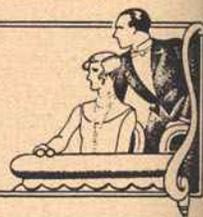
Atrás de tudo, apinhava-se numa esteira enorme, fantástica, miliumanoitesca, o cortejo mais lindo, mais poético que santinho nenhum ainda teve em terras de Portugal. Imagine-se um número incalculável de crianças, em todos os tamanhos, nmas ao colo das mães, outras pelo



fim



Teatro



FÓRA DE SCENA

JOSÉ CLÍMACO

Dizem-me que é um revoltado. E, para mim, esse qualificativo representa qualquer coisa de grande e é a melhor recomendação.

Revoltado... Assim chamam àquele que sente dentro de si força suficiente para criar-se uma independência que, embora seja uma pobre independência, é sempre melhor do que ser escravo, ainda que pago e bem pago,



José Clímaco

(Desenho de Tom.)

de creaturas que lhe são intelectualmente e moralmente inferiores.

Revoltado é todo aquele que se insurge contra a rotina e quer fazer mais e melhor do que os outros, e em ponto maior.

Revoltado! Mas revoltados somos nós todos, os que queremos guiar-nos, apenas, pela nossa consciência e quebramos as peias da toleima estabelecida, e mordemos o freio de estúpidas convenções, que só aproveitam aos preguiçosos e ao inúteis, que receiam o progresso e se julgam incapazes de acompanhá-lo, e não querem confessar-se vencidos.

Como se a confissão de uma derrota, não fôsse ainda uma vitória! A vitória de um

espírito generoso e forte, momentaneamente estraviado.

«Mas isto é uma outra história» como usa dizer Rudyard Kipling.

Não conheço José Clímaco como actor, porque está afastado do palco há muito tempo, e, quando êle representava, andava eu por longe.

Safu de scena, mas ficou cá fóra, nos bastidores, a comandar a legião a que deu baixa voluntariamente.

O seu feitio, com tôdas as qualidades de um chefe, era mais para dirigir batalhas do que para desperdiçar energias em combates, por vezes inúteis e ingloriosos, por mal compreendidos e injustamente apreciados.

O que êle vale, como director de companhias, sabem-no todos os que viram o gôsto e a elegância da montagem do *Cabaz de morangos*.

Como empresário, pôs ao seu serviço aquela força disciplinadora, que é uma das facetas mais curiosas do seu espírito de revolta.

TOMÁS VIEIRA

Este artista é o exemplo mais frisante e concludente do que pode o talento, ajudado por uma intuição artística que toca as raízes do milagre.

Quando ouvi e vi pela vez primeira o Tomás, nas suas cançonetas excêntricas, eu fiquei persuadida que o artista tinha viajado imenso e aprendido muito lá fora.

Porque há nele uma graça e um imprevisto, que só tenho apreciado nos cómicos franceses e ingleses.

Tomás Vieira tem a envergadura de um vencedor de multidões. Dir-se hia um artista internacional, costumado a palcos e públicos diferentes. Faz-me lembrar o Dufleuve, o grande cançonetista francês, criador da imortal canção excêntrica, *Elle était souriante...*

E, afinal, o nosso único excêntrico nunca deu uma saltada até Paris, nunca passou de Portugal e seus domínios.

Os seus gestos, as suas atitudes, a sua maneira de sublinhar o *couplet*, a sua pericia em extrair-lhe tudo quanto o autor nele tenha posto de graça ou de fantasia, não receiam a competência de nenhum cultor do género, por mais aplaudido e consagrado.

Se Tomás Vieira cantasse em francês ou inglês tinha o seu lugar garantido no *music-hall* mundial, e tinha a sua fortuna feita.

Que é este o mal dos nossos grandes artistas: representarem em Português, língua riquíssima e bela, mas que não é compreendida lá fora, lingua que poucos estudam.

Ah! que temíveis concorrentes teriam, em alguns dos nossos artistas, muitos «ases» do teatro internacional, se o nosso idioma tivesse a voga do francês...

Temos que consolarmo-nos com este *se*, que é aliás o arrelizador de muitos sonhos, mas que é ainda, neste caso, motivo de orgulho.

MERCEDES BLASCO.



Tomás Vieira

(Desenho de Nobre.)



Kilon, Tileas fôra, em tempos, pastor de ovelhas, no sopé do Monte Olimpo.

Dali viera, dos campos da Tessalia verde, para o serviço dum Homem Sábio. Não havia conhecido pai nem mãe. Pastores o haviam criado e instruído no respeito dos deuses e no convívio das estrêlas. Das conversas dêles, pelas noites longas do estio, quando falavam para que os lobos os não encontrassem adormecidos, tirára Kilon o prazer suave de escutar e o gôsto pelos relatos misteriosos e pela vida lendária das divindades e dos heróis. Contudo êsse viver com os mitos não lhe fizera esquecer as suas qualidades de homem. Era forte e belo. Ágil como um veado dos montes, destro como Hércules em lançar a funda, os ecos da montanha conheciam-lhe a voz clara incitando os cães do rebanho no rasto das raposas fugitivas. Kilon era forte e mordida com dentes rijos os mendrugos de pão trigozeiro amassado com mel. A noite, depois dum dia tranqüilo de vida áspera pascendo o gado nos pendores do monte, estendia-se na areia fina do seu bardo e dormia calma e profundamente como um peregrino saído.

Uma tarde, porém, dois guerreiros transviados da haste de Pausanias pediram-lhe de beber e partilharam as côdeas do seu bernal. Em paga contaram maravilhas: O mundo era muito grande, disseram, estendia-se muito para lá dos montes, em vales distantes havia cidades com palácios de pedra onde moravam homens sábios em convívio com os deuses. Para os jovens como êle as mulheres tinham sorrisos de promessa e não raro as túnicas de linho se abriam deixando em plena luz as graças de Afrodite. Apenas refeitos do cansaço êles voltariam ao

coração de Atenas. Esperava-os o vinho quente de Chipre nas tabernas do Pôrto e em certos meandros verdes do grande templo aguardavam-nos, a ambos, duas raparigas do Caucaso para quem a Deusa fôra propícia. Que viesse, que viesse! Os rebanhos passariam bem guiados por outrem; lá longe, aprenderia a ser homem e talvez um dia os deuses fizessem dêle um sábio ou um guerreiro.

Perderam-se os olhos do pastor na visão da grande Acrópole. A névoa azulada da montanha fronteira rasgava-se iluminando-se e deixando ver para além de tôdas as coisas próximas o vulto confuso duma cidade fantástica em que as tôrres mais altas eram braços de mulheres saíndo de balsas de loireiros e de mirtos sagrados. A visão chamava-o de longe num apêlo magnético e Kilon, atando num lio as pobres alfaías da sua arca, deitou o rebanho e seguiu lépido os guerreiros de Pausanias.

Havia três meses que o pastor Kilon Tileas chegara às portas de Atenas. Os companheiros, envergonhados do seu traje sumário, logo o haviam abandonado e Kilon, sem rebanho para guardar nem amo a quem servir, errou dias e dias pelas ruelas do pôrto perguntando em vão aos deuses onde estavam as maravilhas da grande cidade e os risos das mulheres e os vinhos de Chipre doirados e quentes.

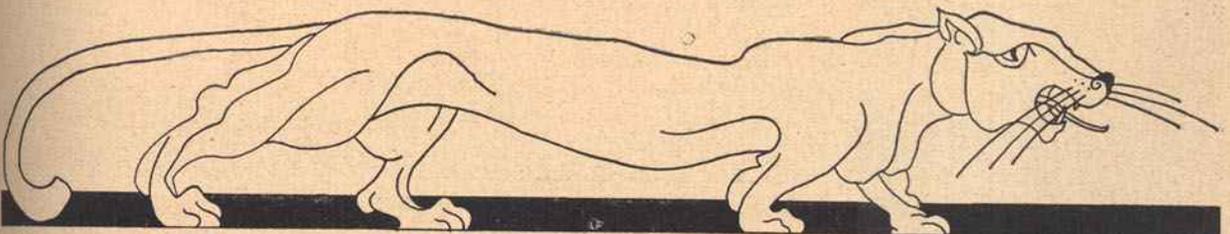
Fome, não passava. Das ilhas chegavam barcos trazendo cada manhã grandes cargas de frutos, Kilon ajudava os negros na faina do desembarque e tinha, como êles, um quinhão de

figos e de maçãs das ilhas do Mar Egen. As noites passava-as no átrio do Templo de Esculápio num recanto da colunata, num ângulo discreto e propício. Faltava-lhe porém o encanto duma vida certa e aquele descuido inocente que lhe perfumava as horas e tornava leve a sua existência de pastor. Kilon tinha horas tristes em que meditava; horas longas de saúde vividas em frente do mar cuja planura inqüieta lhe recordava a campina do agro nativo tôda buliçosa dos ruídos e corridas das ovelhas.

Numa tarde passou junto dêle uma mulher da cidade seguida de duas negras vestidas à maneira dos etíopes. Ocultaram-se por detrás dos rochedos e momentos depois entraram no mar.

Kilon viu-as afastarem-se nadando e perseguindo-se. A breve trecho as negras cançaram e voltaram à margem. A outra, a mulher grega, continuou, ao largo da praia a cortar as ondas em direitura aos rochedos do promontório. Kilon seguia-a com os olhos sonâmbulos, distraído e desinteressado. Súbito, viu-a erguer os braços e desaparecer, voltar de novo à superfície, gritar e tornar a sumir-se no pélago, num garavim de espumas. Num ápice lançou fora as roupas e entrou pelo mar. A breve trecho voltava trazendo, segura pelos cabelos, a grega desmaiada.

Na praia, as servas receberam em grito o corpo da ama; esfregaram-na com mãos vigorosas e conseguiram reanimá-la. A mulher fôra bela mas não era jovem. Depois do banho a sinceridade do tempo tornava-lhe visíveis os estragos da idade e o artifício dos cosméticos. Voltando à vida indagou como fôra salva e as negras apontaram-lhe Kilon, enaltecendo a coragem do moço e gabando a perfícia heróica do



nador. Crisís, (assim se chamava a mulher salva) era uma cortesã de Atenas, amasia de um filósofo. Tingia os cabelos para disfarçar as brancas e usava na pele todos os fardos secretos dos magos do Pelapneso. Por isso agradava ainda e as letras do seu nome não raro capitulavam acrósticos amáveis escritos na pedra lisa do templo da divina Anadioméne. Crisís trouxe do mar a impressão desvanecida pelo desmaio mas grata à sua memória sensitiva, daquele abraço forte que a cingia no momento do perigo por isso mirou com bons olhos o corpo esbelto do pastor da Thessalia. Convidou-o a segui-la para saber melhor a sua história e os seus designios e agradecer em dádivas a vida que ele lhe salvara.

Kilon narrou singelamente a sua aventura simples. A promessa ridente dos soldados, a vida ruda nas docas do porto e aquela tristeza nostálgica que o levava todos os dias ao longo da costa até aos rochedos do Cabo para adormecer o espírito no embalo das ondas e sonhar livremente com a terra e os rebanhos que deixara. Crisís ouviu-o. Sorriu da ingenuidade do pegureiro e ofereceu-lhe realizar o prognóstico dos guerreiros de Pausanias. Então vieram formosos dias. Kilon Tileas já não era o pastor da Thessalia nem o mariola sujo do porto, era um lindo moço a quem o filósofo, amante de Crisís, ensinava a linguagem dos homens cultos e os mistérios do alfabeto.

Todas as tardes a corteza reunia um grupo de sábios para os ouvir discursar sobre coisas da Terra e do Céu, segredos dos homens, dos astros e dos deuses. Kilon ouvia-os e das palavras deles colhia a explicação de todas as perguntas que o seu espírito curioso formulava nas horas tranquilas em que tangia os rebanhos nas pradarias do agronativo.

Muitas vezes, abrindo-se com o filósofo doméstico, dizia-lhe as suas cogitações e, de quando em quando, aventurava uma pergunta embulhada num paradoxo ingénio e arguto.

O filósofo começou a olhá-lo com interesse. O engenho inato do moço era para ele testemunho vivo daquela teoria da revelação divina que o seu espírito havia muito aceiteira e, desejando observar mais de perto a essência daquela alma rústica e inculca, para lhe conhecer profundamente os dons sobrenaturais, pediu a Crisís que pelo verão lhe cedesse Kilon.

O pastor seguiu o filósofo e ambos foram habitar uma casa pequenina que tocava o promontório e onde, dizia a lenda, vivera em tempos um semi-deus.

Ao filósofo aprazia aquele retiro pela suavidade do clima, pela beléza desafogada das vistas e ainda pelo desejo secreto de travar um dia relações astrais com a divindade lendária que



naquele ponto da terra grega se dignara viver a vida contingente dum ser mortal.

Quando longe de Atenas, o filósofo entregava-se secretamente a práticas de magia. Gastava horas e horas em conjuras e evocações pedindo à divindade desconhecida que lhe desvendasse o mistério da essência da alma e o arcano do Destino.

A divindade era surda ou o filósofo não sabia entender-lhe a linguagem e a dúvida continuava sempre a martirizar-lhe o espírito e a aguçar-lhe o desejo de saber.

Nestas cogitações sobre a Alma Universal o filósofo esquecia Kilon. A família deixara de o interessar desde que ele se propunha descobrir a chama total.

Assim os dias do pastor corriam monótonos e silenciosos. O filósofo para mais livremente se entregar às suas pesquisas entregara-lhe o governo da casa, deixara a seu cuidado vigiar os gastos e prover ao sustento e, para as horas vagas, dera-lhe como tarefa copiar a estilete, em pranchas de barro mole, todas as máximas em que fóra baseado o seu sistema e orientada a sua escola.

Kilon aborrecia-se. A própria quietude do lugar lhe acrescentava o tédio. Mentira-lhe a esperança, pois, acompanhando o filósofo, julgara ir continuar longe dos homens o colóquio sapiente que a sua curiosidade sonhara mais elevado e mais nobre ali naquele cenário de rochedos ásperos, ondas buliçosas e návens diáfanas.

A saúde da Thessalia voltava a persegui-lo e a pungir-lhe no cérebro como o golpe dum punhal consciente.

A breve trecho olvidou as tábuas do mestre e deixou esquecido o estilete inútil. Alheio a tudo errava pelo monte horas esquecidas ou dormia, à sombra fresca dos mirtos, intermináveis sestas.

Nas horas de cogitações lamentava-se. Não era aquela a vida que os seus nervos apeteçiam.

Deixara em Atenas a vida de luxo e moleza que a intimidade de Crisís lhe grangeava no intuito são de preparar o cérebro para mais altas locubrações e eis que o homem superior a quem entregara a direcção da sua ignorância lhe fazia copiar róis de despezas e máximas sécas há muito formuladas! Esse papel subalterno de

mordomo humilhava-o e Kilon cada vez se embrenhava mais na tristeza solitária das suas fugas.

Uma tarde, pela hora sexta, Kilon, perdida a esperança de melhores dias, scismava desalentado na triste situação em que o destino o colocara e pedia aos deuses, mais pelo hábito do que pela fé, o remédio pronto dos seus males.

Finda a prece adormecera no embalo doce do vento do mar e dos aromas da floresta.

Com o avanço da hora cresceu o vento e Kilon despertou. Junto d'ele, sentado numa fraga estava um homem. Uma túnica leve vestia-lhe a beléza olímpica e duas hastes pequeninas e curvas de loiros verdes cingiam-lhe os cabelos como um diadema real.

Kilon olhou-o espantado. Ele não era como os outros homens. Algo de divino o cercava como uma auróla e aquela beléza tinha o selo eterno das graças que não morrem. Quem seria? Perguntava-se Kilon e veio-lhe à memória o misterioso habitante da casa do promontório, o semi-deus com quem o filósofo tentava encetar o colóquio astral.

Então os olhos claros do Homem descendo sobre os de Kilon pararam e um sorriso enigmático pairou-lhe um instante nos lábios iluminando-lhe o rosto.

Kilon olhava-o sempre aguardando uma ordem ou uma pergunta.

Desfeito o sorriso o Homem falou: — Kilon, pastor da Thessalia, responde bem ao que te vou perguntar. Que motivos te levaram a deixar Crisís em Atenas e a seguir o filósofo?

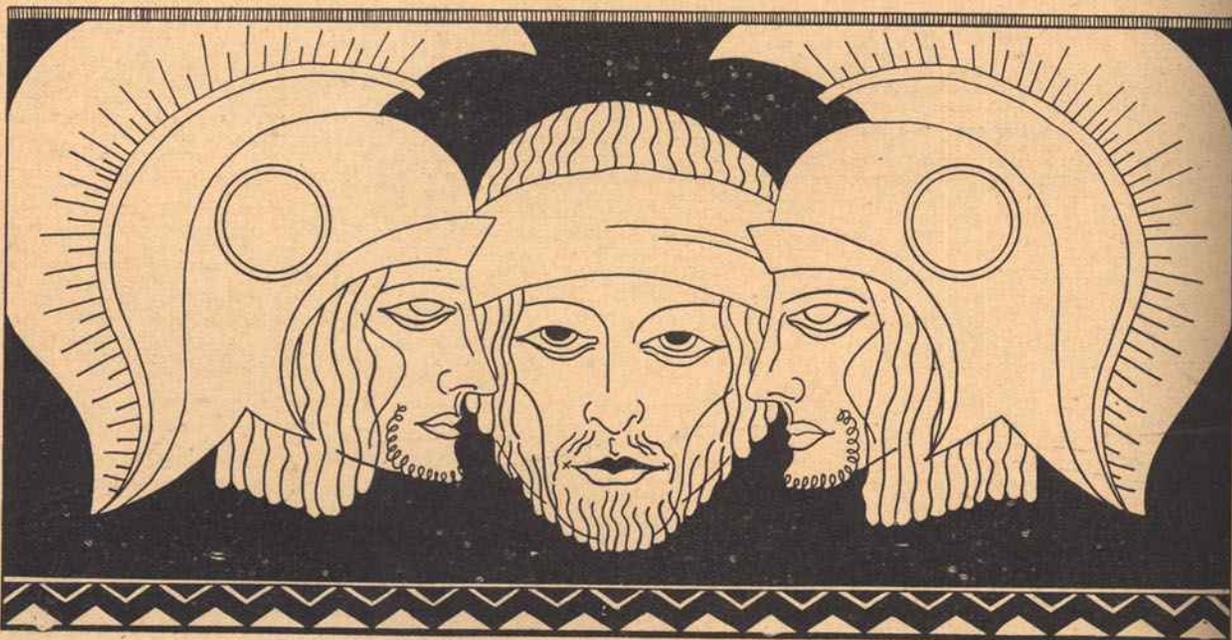
Kilon balbuciou: — Aperfeiçoar o meu espírito e falar com os deuses.

— E para isso escreves róis de despezas e dormes sobre as pedras um sono inútil? Kilon de Thessalia, levanta-te e segue-me. Moro aqui perto, ou antes, a minha morada é aonde eu quiser que ela seja.

Kilon ergueu-se para seguir o Homem. Este enfiou no d'ele o seu braço robusto e disse:

— Se te preocupa o mistério da alma e te pesa a miséria da carne vem comigo aonde moro. Como eu serás invisível, a tua vontade valerá um acto, a pura intenção dispensará o gesto e nunca mais um cuidado material gastará as energias do teu espírito. Serás o criador do teu mundo se moldares pela minha a tua vontade. Viverás muito para além das contas do teu folioleto e dos beijos sedícios da mulher que salvaste.

Súbito os olhos de Kilon ficaram deslumbrados e atônitos. A campina e a floresta haviam desaparecido. Entravam ambos num palácio branco. Debaxo dos seus pés desciam degraus





suaves de mármore tépido, no topo da escadaria, num átrio em colonata, uma fonte de bronze erguia no ar um leque de poeira húmida. A porta que dava para o interior do palácio abriu-se por si mesma e Kilon, sem saber como, encontrou-se na primeira sala estendido num coxim de púrpura tendo aos pés uma leão doméstica que bocejava como um gato cheio de sono. O seu companheiro havia desaparecido tão misteriosamente como viera. Então Kilon começou a mirar a sala perguntando a si mesmo se toda aquela opulência era de facto um dom dos deuses ou uma ilusão magnífica dos seus nervos desvaivados.

Em resposta a esta interrogação do espírito o raciocínio lembrou-lhe as palavras do companheiro misterioso: «A tua vontade valerá um acto. A pura intenção valerá o gesto...»

— Experimentemos, disse consigo, e foi direito a um globo de cristal onde peixes vermelhos rodopiavam nadando na água turva e lodosa. O simples facto de ter pensado na sugida

do líquido volven-o claro a ponto da bola parecer de cristal macioso.

Encantado pelo milagre olhou a leão desejando-lhe a ausência e logo viu levantar-se e, de um pulo, sem ruído, alcançar a porta e sumir-se entre os arbusto do terraço. O coração bateu-lhe apressado. Ele podia. A sua vontade mandava nos líquidos inertes e nas feras vivas.

O que vida, que linda vida de Criador de Belésa, iria ele viver naquele palácio tão branco, longe da velhice exigente de Crisis e dos mesquinhos róis do filósofo!

Como uma criança a quem dão um brinquedo novo, foi-se pelas salas e jardins da vivenda experimentar o poder miraculoso daquele dom divino.

Numa alea de ciprestes onde havia bancos de mármore, descansou. Vieram para ele, submissas e brancas, duas ovelhas iguais àquelas que o seu cajado guiava nos campos da Thessalia. Passando-lhes pelo vélo macio dedos saudosos, reparou que uma delas tinha pústulas. Pensou

em curá-la e logo, sacudindo-se o animal, uma pele rósea tomou o lugar das crostas repelentes.

A sua alma simples tremou de gôso. Ele podia curar chagas e sarar leprás. Se um dia volvesse a Atenas, olhando Crisis, poderia tornar a sua face limpa de rugas e o seu corpo ágil como o de uma donzela núbil. Seguido pela ovelha curada internou-se num bosque sagrado de loi-reiros. Entardecia e a sua alma de poeta evocou saudosamente os rouxinóis da Thessalia. Logo, num bástio, rompe o canto duma ave a que outra responde e, ambas em côro, saudaram o advento da sombra.

— Voltemos. — Pensou, e pareceu-lhe que o espaço desaparecia sob os seus passos e que o palácio vinha ao seu encontro em vez de ser ele quem ia ao encontro do palácio.

Outra vez na sala dos coxins de púrpura. Sentiu cansaço. Um torpor invadia-o e uma sensação semelhante à fome contraía-lhe o estômago. Logo o seu espírito evocou os manjares que tinha visto e provado à mesa de Crisis em merendas de festa.

O Prodigio, dócil, aproximou-lhe uma credência vestida de linhos do Egito e cheia das iguarias apetecidas. Kilon, metafisicamente, provou todos os manjares e saciou a gula nos mais raros frutos do Arquipélago. Acabada a refeição quis erguer-se e não pôde. O cansaço persistia. As pernas vergavam-lhe e para além daquela saciedade aparente, como um remorso, moradia-o a mesma contração do estômago.

— É a comoção, pensou e tornou a deitar-se.

Tam fechar-se-lhe os olhos numa sonolência debil quando junto d'ele apareceu de novo o semi-deus.

— Então, Kilon, que te parece a vida nova que te destinei?

O pastor caiu de joelhos aos pés da divindade e beijou-lhe a fimbria da túnica.

— Ergue-te. Não me agradeças este bem. É ele devido aos limpos de coração. Os que renegam a matéria tem o direito de viver pelo espírito. Ergue-te, Kilon, e sê feliz. Se queres saber alguma coisa dessa Alma de que procuras conhecer a essência, vem comigo, eu te explicarei o que os homens nunca te poderiam ensinar.

Para além da sala dos coxins de púrpura havia outra, circular e mais luxuosa, ali se quedaram ambos; o semi-deus num estrado e Kilon a seus pés. A leão, friorenta, deitara a cabeça enorme nos joelhos do pastor e adormecera. O semi-deus falava e Kilon fazia milagres de vontade para seguir o rumo complicado dos seus raciocínios. Aquela poder que valia o gesto faltava-lhe, falhara miseravelmente perante o sono dos seus olhos e a debilidade das suas vísceras.

Devia ser elevada, sublime, transcendente a palestra do Deus. O homem porém não conseguia ouvi-la. O torpor dos famintos invadira-lhe os membros e o intellecto. Kilon era um farrapo, um triste farrapo humano exausto e famélico.

Acabada a exposição do que devia ser o segredo, o grande Segrêdo ignorado da essência das Almas e das Coisas o Semi-deus calou-se e esperou uma pergunta do Homem. Kilon, aniquilado, dormia abraçado à leão, insensível e surdo como um despojo sem vida.

Então o Deus curvou-se para espreitar o Homem. Um sorriso de desprezo aflorou-lhe a boca, ergueu-se lentamente, chamou a leão e caminharam ambos até à porta. Entre os humbrais voltou-se, tornou a sorrir e olhando o Homem escarrou no tapete com desembaraço divino.

Kilon encontrou-se milagrosamente em casa do filósofo que o despediu por saber em atraso os seus róis de despesas.

Então, encontrando-se novamente sem amo e sem rumo e percebendo inexoravelmente que não podia ser pastor, nem criado de filósofo nem colega de deuses Kilon Filéas, juntando um resto de bom senso que lhe ficara daquela breve ingressão no Olimpo claro, consagrou-se a Mercúrio e foi Ladrão.

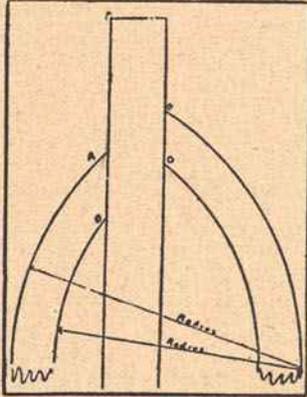




Passatempo

MUITO CURIOSA ILUSÃO ÓPTICA

Ao primeiro aspecto dir-se-há que as linhas A e B não podem juntar-se perfeita-



mente a C e D sem sofrerem uma derivação no seu traçado e que por conseguinte não podem fechar a ogiva iniciada à direita e à esquerda do desenho. Não é assim porque se prolongarmos as mesmas linhas, segundo a sua curvatura, irão encontrar-se exactamente nos pontos designados, deixando traçada uma ogiva perfeita.

CONSOLAÇÃO

— Carlitos, estou muito descontente contigo. As notas desta semana que o director do colégio me envia mostram que és o menos aplicado da classe.

— Pois olhe papá, devia dar-me os parabéns.

— És descarado!

— Sim, porque o inspector que esteve lá na escola, uma tarde destas, disse-nos que todos os homens célebres tinham sido muito maus estudantes.

A QUESTÃO ERA OUTRA

A um canto do terraço, o Rodrigo acabára de se declarar a Estela e pedir-lhe para casar com êle. Esta anuira, com apropriada modestia.

— Dize-me, Rodrigo — murmurou ella — sou eu a única rapariga...

— Olha, meu amor — interrompeu êle — não me perguntes se és a única rapariga de quem tenho gostado. Sabes tão bem como eu que...

— Ai, não é nada disso que se trata, Rodrigo — respondeu ella. O que eu ia perguntar-te é se eu era a única rapariga que fôsse capaz de te aceitar para marido.

SINCERIDADE

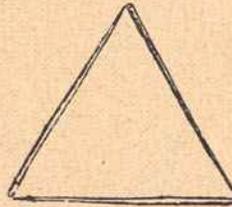
O professor: — Podem dizer-me quais são os dias mais bonitos do ano?

Um aluno: — Aqueles em que o sr. professor está doente e não dá escola.

FORMAR UM HEXÁGONO

(Problema)

Aqui temos outro problema dos que podem fazer-se praticamente com palitos, fósforos de cêra ou alfinetes. Começa-se por formar

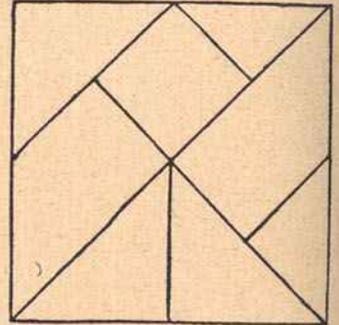


com três destes objectos um triângulo equilátero, como se vê no desenho, e agora o *busillis* está em formar um hexágono regular sem mais do que acrescentar outros três objectos iguais aos primeiramente empregados.

A coisa parece simples à primeira vista; mas tenha-se em conta que se não pode desmanchar o triângulo, nem mudar de posição nenhum dos objectos que o formam.

PACIÊNCIA GEOMÉTRICA

(Solução)



A paciência pode ter várias soluções. Esta é uma delas.

Preguntavam a um moribundo:

— Como vai isso?

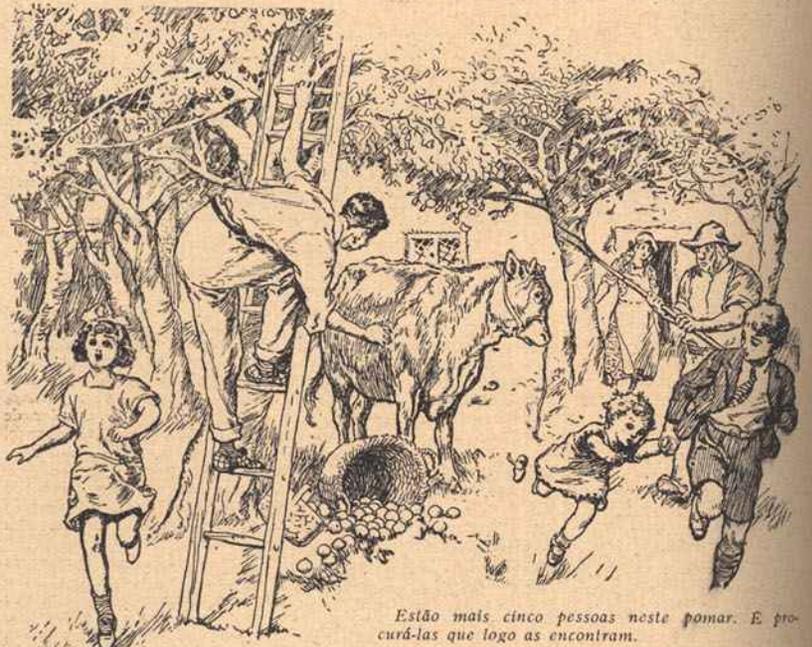
— Não vai; vai-se.

Um bebedor empedernido é vítima de um ataque de paralisia.

O médico que o trata diz-lhe no fim de uma semana:

— Isto vai bem, já pode mexer os dedos da mão.

— Nada, nada; não estarei bem curado enquanto não puder levantar o cotovelo.



Estão mais cinco pessoas neste pomar. E procurá-las que logo as encontram.

EL TAJO DE RONDA

Manchas quentes de colorido, macissos de verdura macia, rochas azuladas, remansos de agua clara deixando transparecer o leito de ouro, em uma palavra, todo o pitoresco da terra meridional e do Tejo, em uma sintese de aguarela granadina...

F. GARCIA SANCHEZ.

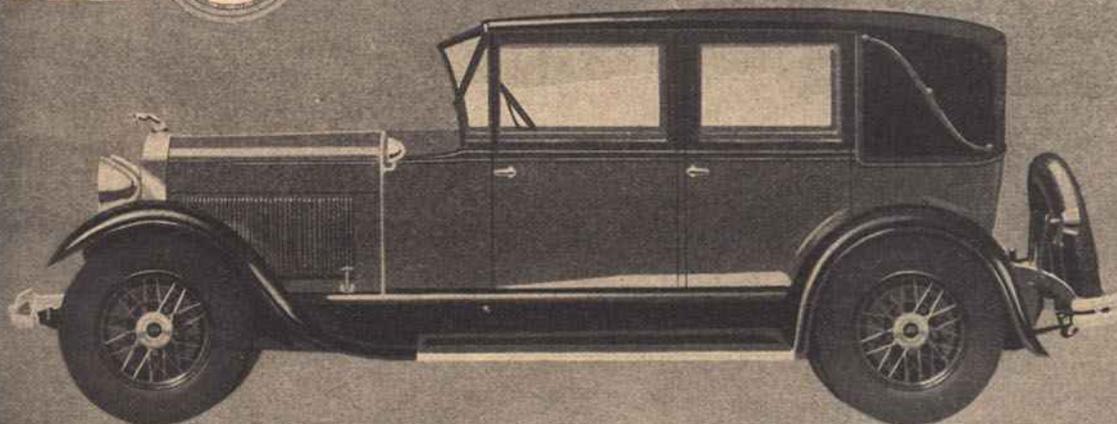
POSSUIR um LINCOLN é dar a mais cabal demonstração de gosto requintado e elegancia impecavel. LINCOLN é o carro preferido pelos espiritos de *élite* que nele encontram reunidos os mais raros requisitos de beleza típica, grande luxo e conforto maximo.

Que prazer incomparavel esse de contemplar, viajando em um LINCOLN, a paisagem ibérica!...

LINCOLN

Ford
COCHES Y
CAMIONES
Fordson
TRACTORES

Ford Motor Ibérico
BARCELONA



BOLDY-TIBOLE PEF. CA.

Todos devem ler

“A CARTILHA COLONIAL”

de Pedro Muralha

Cujos capítulos são os seguintes :

- I— As nossas descobertas marítimas.
- II— As nossas conquistas.
- III— A nossa extensão territorial, população e divisão por zonas.
- IV— Cidades, rios navegáveis, portos, caminhos de ferro e climas.
- V— As possibilidades económicas das Colónias Ultramarinas.
- VI— As missões religiosas.
- VII— As correntes emigratórias.
- VIII— A colonização portuguesa em países estrangeiros.

Elegante cartomagem com mapas das nossas colónias e profusamente ilustrada.

PREÇO 5\$00

Pedidos à sucursal do «Diário de Notícias», Largo Trindade Coelho.

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

Directora: D. Emilia de Sousa Costa

A Bruxa e os Malmequeres

DE

JOÃO SILVA

Este 27.º volume da «Biblioteca dos Pequenos» contém três formosíssimos contos, que, certamente, constituirão o encantamento de todas as nossas crianças.

Lindas ilustrações de Alfredo de Moraes

PREÇO: 5\$00

A venda na Filial do «Diário de Notícias», Largo de Trindade Coelho, n.ºs 10 e 11 e em todas as livrarias.

Aos Estudantes dos Liceus e aos Professores

Recomenda-se a Colecção Patricia

Que contém a história da nossa literatura em pequenos e elegantes volumes.

Os volumes publicados são :

- | | |
|---|-----------------------------|
| 1— Camilo Castelo Branco (2.ª edição) | 16— Gil Vicente |
| 2— Fialho de Almeida (2.ª edição) | 17— Camilo e o Centenário |
| 3— Os melhores sonetos brasileiros (2.ª edição) | 18— Júlio Denis |
| 4— Alexandre Herculano | 19— Júlio Dantas |
| 5— Gomes Leal | 20— Ex-libris |
| 6— Eça de Queiroz | 21— Sonetos contemporâneos |
| 7— Guerra Junqueiro | 22— Sá de Miranda |
| 8— Engénio de Castro | 23— Nicolau Tolentino |
| 9— Os eternos sonetos de Portugal | 24— Garcia de Rezende |
| 10— A Batalha (2.ª edição) | 25— Latino Coelho |
| 11— Bocage | 26— Soror Mariana |
| 12— Marcelino Mesquita | 27— Ramalho Ortigão |
| 13— As mais lindas quadras populares | 28— D. João da Câmara |
| 14— António Nobre | 29— H. Lopes de Mendonça |
| 15— Marquesa de Alorna | 30— A Cerâmica |
| | 31— Cartas de Soror Mariana |
| | 32— Júlio Cesar Machado |
| | 33— Manuel Bernardes |
| | 34— Gonçalves Crespo |
| | 35— Fernão Lopes |

Preço de cada volume da colecção: 2\$500

A venda na Filial do «Diário de Notícias», Largo de Trindade Coelho, n.ºs 10 e 11 e nas outras livrarias.

GRANDE NOVIDADE LITERARIA

O MAIOR EXITO DE LIVRARIA

AUGUSTO DE CASTRO

Socio efectivo da Academia de Sciencias de Lisboa

NOVELAS

VENEZA
UMA NOITE

— E —

SOLAR DE FRADES

São duas notáveis novelas, em que, na mais bela prosa portuguesa, se faz a historia de três corações femininos

PREÇO 15\$00

À VENDA NA FILIAL DO

“DIARIO DE NOTICIAS”

LARGO DE TRINDADE COELHO, 10 E 11

E nas outras livrarias

BIBLIOTECA
DE
INSTRUCCÃO PROFISSIONAL

A mais completa que se publica em língua portuguesa, e tão proficiente como a melhor das que se editam no estrangeiro

ULTIMO VOLUME PUBLICADO:

MANUAL DO CONDUTOR DE AUTOMOVEIS

Nova edição, ainda com mais gravuras do que a primeira, e versando já os mais modernos aperfeiçoamentos introduzidos na indústria automobilista.

Livro escrito por uma autoridade no assunto e que muito se avanta, na soma dos conhecimentos e na clareza da sua exposição, a todos os congéneres até agora aparecidos.

670 PAGINAS E PERTO DE 715 GRAVURAS

PREÇO 30\$00

OUTROS VOLUMES RECENTES:

FISICA ELEMENTAR

pele cap. VALDEZ BANDEIRA e segundo : : o programa das Escolas Industriais : :

ELEMENTOS DA HISTORIA DA ARTE

pele prof. e ilustre pintor J. RIBEIRO CRISTINO DA SILVA

NOVAS EDIÇÕES, NO PRELO:

TRABALHOS DE CARPINTERIA CIVIL
FERREIRO — ELEMENTOS DE PROJECCÕES

Dirigir pedidos às LIVRARIAS AILLAUD e BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**A experiencia
recomenda**

**Auto-
Gazo**

**Gazolina
anti-detonante**

VACUUM OIL COMPANY